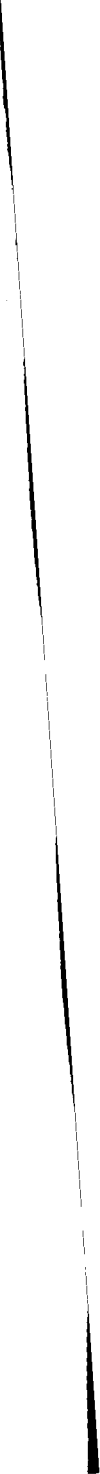
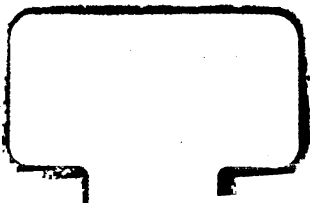
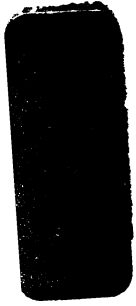
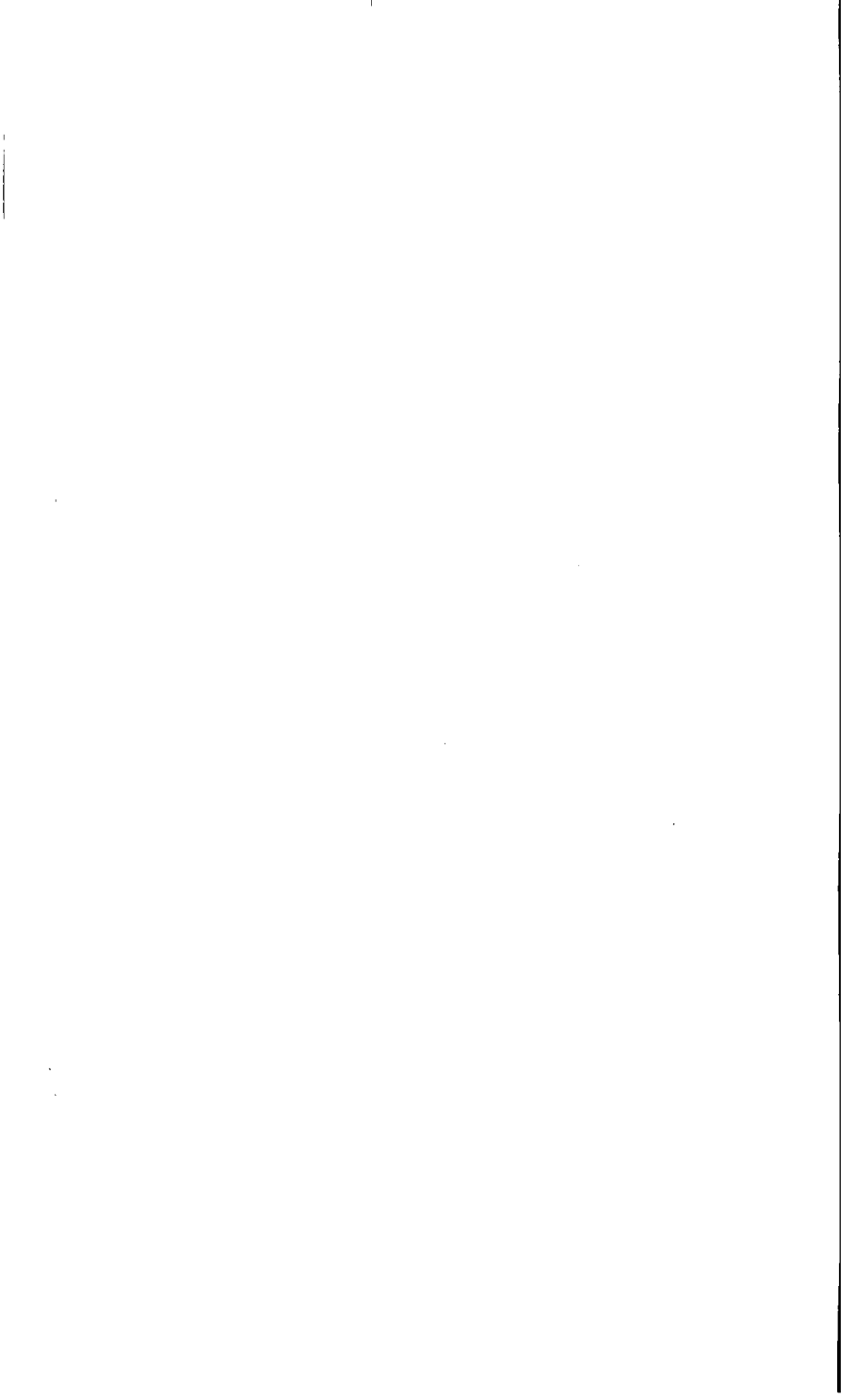


UC-NRLF

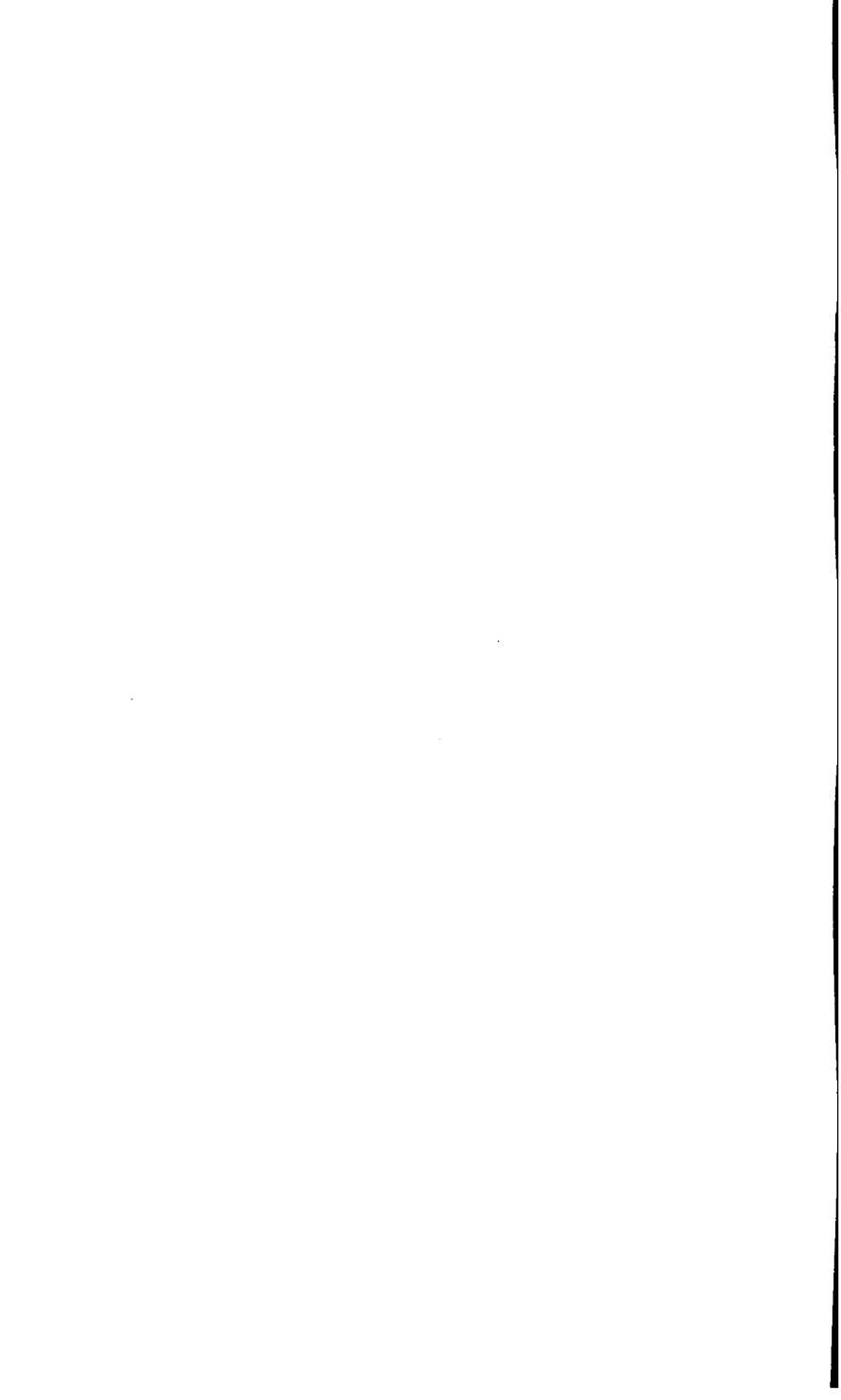


QB 158 992









OBRAS POETICAS

POR

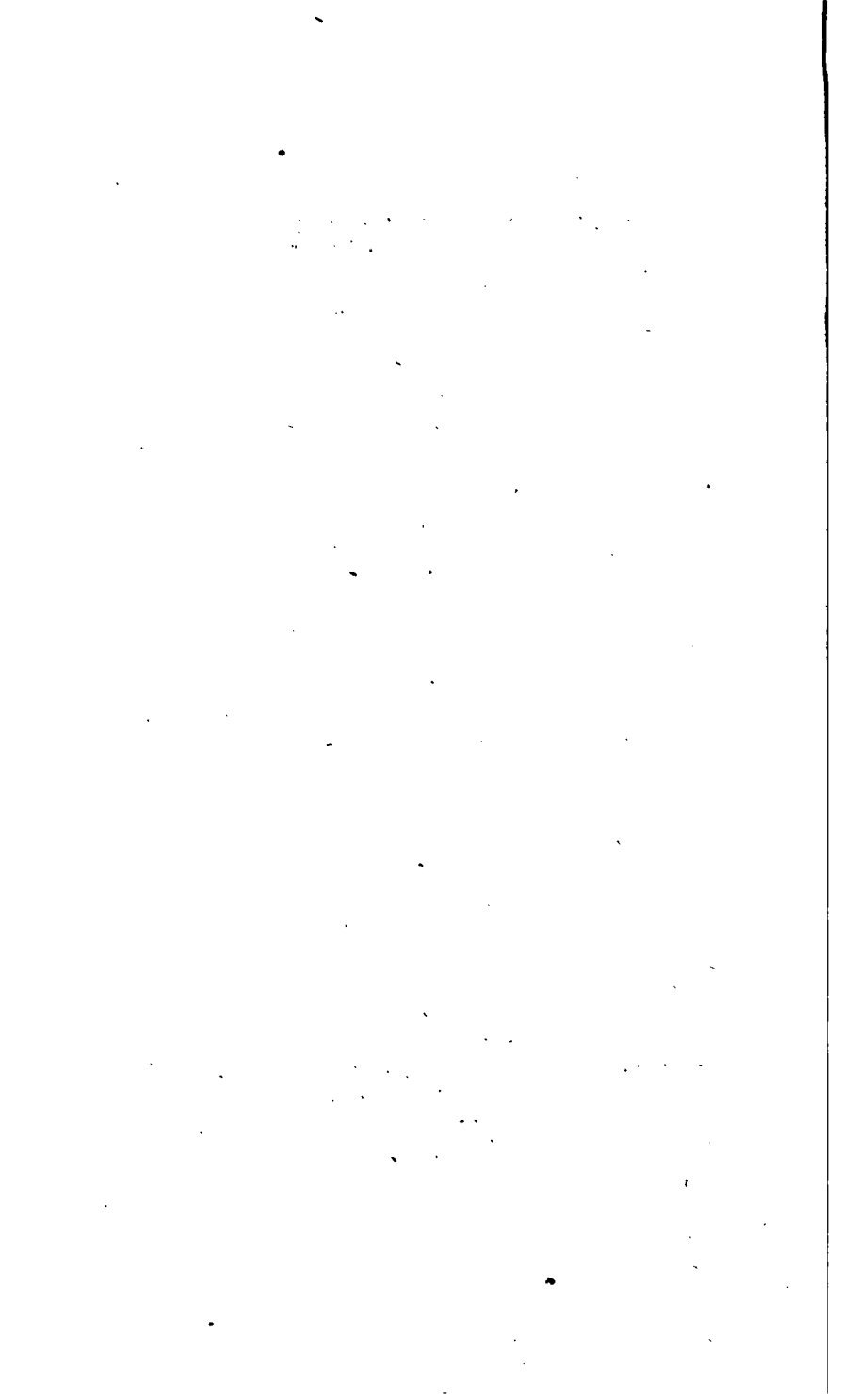
ALEXANDRE MONTEIRO.



PORTO:

NA TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,
Praça de Sancta Theresza, n.º 28.

—
1852.



OBRAS POETICAS.

PANAMA CANAL

OBRAS POETICAS

POR

ALEXANDRE MONTEIRO.



PORTO :

NA TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA ,
Praça de Sancta Theresza , n.º 28.

1852.

LOAN STACK

PQ9261
M7A17
1852.

A EXCELLENTISSIMA SENHORA

VISCONDESSA DE CASTRO

OFFERECE

O AUCTOR.

1917

ODETTE.

DRAMA EM QUATRO ACTOS

EXTRAHIDO DO ROMANCE DE M. ALEXANDRE DUMAS

ISABEL DE BAVIERE.

SECRET

CONFIDENTIAL

CONFIDENTIAL

CONFIDENTIAL

PERSONAGENS.

CARLOS 6.º, Rei de França.

IZABEL DE BAVIERA, sua mulher.

LUIZ, Duque de Touraine, irmão do Rei.

VALENTINA DE MILÃO, sua mulher.

ODETTE, filha de

MESTRE PEDRO, mercador de cavallos.

O DUQUE DE BERRY

O DUQUE DE BORGONHA

} Thios do Rei.

MAD. DE COUCY, dama da Rainha.

A ABBADESSA DO CONVENTO DA TRINDADE.

GUILHERME D'HERSILLY, medico do Rei.

JOANNA, antiga criada de Odette.

JACQUEMIN GRINGONEUR, pintor.

UM PAGEM.

CONFIDENTIAL

The information in this document is confidential and is intended only for the individual named. If you are not the named individual you should not disseminate, distribute or copy this document. If you have any questions concerning this document you should contact the individual named within the document. If you are not the named individual you should not disseminate, distribute or copy this document.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA 1.^a

ODETTE E MESTRE PEDRO.

É NOITE.

Sala em casa de Mestre Pedro, — Odette está triste e a chorar; seu pae busca tranquillisa-la.

MESTRE PEDRO.

MAS porque é essa tua resolução, Odette? Encontrarás acaso na clausura d'um convento, quem te queira e te ame como eu? Não tem sido o meu amor dedicado exclusivamente a ti? E agora queres deixar-me!... E não vês que te não mereço essa ingratição, filha? Não sabes que o dia em que pronunciasses os terriveis votos, seria o ultimo dia da minha vida?

ODETTE (*com ternura*).

Meu pae.....

MESTRE PEDRO.

Odette, tu vivias alègre e satisfeita da tua mocidade e da tua belleza; a minha alma e o meu coração viviam tambem d'essa tua alegria. Não sentia penas nem mágoas, porque tu tambem não as sentias. E agora queres deixar-me! Porque são essas tuas lagrimas, filha? Porque é essa tua dôr, que queres encobrir a teu pae que tanto te ama? Não será o coração d'um pae tão terno, d'um amigo tão extremoso, lugar proprio, onde uma filha encontre lenitivo ás suas penas? Recearias tu confiar-me a causa dos teus soffrimentos? Não receies, filha, que qualquer que ella seja, achará consolação e remedio no coração d'um pae.

ODETTE (*sorrindo tristemente*).

Meu pae, eu bem sei quanto me amas — Bem sei quanto és bom e generoso — Bem sei que os meus males, e os meus soffrimentos não achariam allivio e consolação senão em ti — Mas eu não soffro; estas minhas lagrimas são de saudade por ti, por te deixar. Esta minha resolução é uma vocação irresistivel pela clausura. O que eu te posso fazer, meu pae, é uma promessa solemne, de não

tomar o véo, durante a tua vida; e assim poderei vêr-te algumas vezes, vir' abraçar-te; e receber a tua benção.

MESTRE PEDRO (*commovido*).

Pois sim, filha; não constrangerei a tua vocação. Ainda que ella me custasse a vida, não a constrangeria. Acceito comtudo a tua promessa, que veio ella alliviar em parte, o péso enorme que a tua inesperada resolução tinha posto na minha alma. Mas horas são estas de te ires a repousar. Adeus, filha, recebe a minha benção, e tranquillisa o teu espirito.

ODETTE.

Adeus, meu pae. (*Mestre Pedro abençôa-a, beija-a, e retira-se E. A.*)

SCENA 2.^a

ODETTE.

Ah meu pae, meu pae! e engano-te! e digo-te que o meu pobre coração não soffre, e elle não póde estar mais despedaçado! Como se apagaram depressa essas idéas d'amor e de esperanças em que eu vivia, e que me enchiam a alma de felicidade e de

ventura! Eu amava-o! Adorava-o no sanctuario do meu coração! E elle? Enganava-me! e agora folga e ri! Ri do meu pobre amor, folga com as minhas penas! Oh! oxalá que nunca ás elle soffra; nunca! porque o meu tormento é intenso e terrivel! Simples e crédula, não pude duvidar dos seus juramentos! Acreditei que era amada d'um amor semelhante ao meu amor! puro e immenso! Oh! mas agora sei que todos esses protestos d'uma dedicação eterna, não eram senão um calculo da mais inaudita perfidia! SENHOR! e será possível que eu ainda sinta no coração, affectos por um homem tão cruel e tão culpado?! Ah meu Deos, meu Deos, que bem desgraçada é esta vossa creatura!

*(Toma a luz, e entra para o seu quarto.
Logo vem Joanna com um candieiro na mão.)*

SCENA 3.^a

JOANNA.

(Vai accender uma lampada, que está em frente d'um oratorio.)

Já foi para o seu quarto. Anda desde hontem tão triste, tão mortificada!.... Pobre menina, quem

me dêra vêr-te alegre e satisfeita como eras d'antes,
que se me escurece a alma em te vêr assim.

(Ouvem-se duas palmadas.)

JOANNA *(abrindo a janella; e*

dizendo para fóra)

Sois vós, Mestre Luiz?

(Depois sahe pela porta do fundo, e logo

entra acompanhada do Duque de Touraine.)

SCENA 4.^a

JOANNA E O DUQUE DE TOURAINE.

(O Duque traja um costume d'Escudeiro d'uma grande casa. Vem coberto com uma capa, que logo lança no braço de Joanna. Fica então revestido de um costume simples e elegante. Este vestido compoem-se d'um górrro de velludo preto, um just-au-corps, da mesma fazenda e côr, aberto interiormente nas mangas, desde o hombro até ao punho, deixa vêr uma outra manga justa, de setim verde. As calças tambem justas, e de séda côr de violeta, tem um escudo bordado sobre a côrxa esquerda, contendo tres flores de liz d'ouro, sob uma corôa ducal. Cahem-lhe sobre os hombros bellos unneis de cabellos castanhos. Joanna que precede o Duque alguns instantes, o espera á entrada.)

DUQUE (*lançando a capa no
braço de Joanna*)

Boas noites, Joanna.; boa guarda sois. Que faz
a vossa bella ama?

JOANNA.

Espera por vós.

DUQUE.

Pois bem, aqui estou. No seu quarto, não é
assim?

JOANNA.

Sim, Mestre.

DUQUE.

E seu pae?

JOANNA.

Está deitado.

DUQUE.

Bom.

*(Joanna retira-se. O Duque vai a encaminhar-se
para a porta do quarto, quando Odette sahe
pallida e triste. O Duque vendo-a assim, fica
immovel. Ella avança lentamente para o bello
mancebo, que a vê aproximar, silencioso e ad-
mirado. Odette chegando a pequena distancia
d'elle, põe um joelho no chão).*

SCENA 5.^a

O DUQUE E ODETTE.

DUQUE (*admirado*)

Que fazeis, Odette? Que significa isso?

ODETTE (*tristemente*)

É a attitude que convém a uma pobre rapariga como eu, quando se ache na presença d'um grande principe como vós.

DUQUE.

Sonhaes, Odette?

ODETTE.

Prouvera a Deos que eu sonhasse, meu senhor, e quando acordasse, me achasse como era antes de vos ter visto; sem lagrimas nos olhos, sem amor no coração.

DUQUE.

Pela minha alma que estaes louca, ou que alguem vos enganou. Quem foi, Odette?

ODETTE.

Não estou louca, senhor, e ninguém me enganou; fui eu que vos vi.

DUQUE.

A mim?! E aonde?

ODETTE.

No cortejo, fallando á Rainha! oh! eu vos reconheci bem, apesar do vosso magnifico vestido!

DUQUE.

Enganasteis-vos, Odette; alguma semelhança vos illudio.

ODETTE.

Sim, eu assim forcejei por o acreditar, e talvez o acreditei. Mas outro senhor vos veio fallar, e então reconheci aquelle que ante-hontem aqui esteve com-vosco, que chamaveis vosso amigo, e que dizeis como vós Escudeiro do Duque de Touraine.

DUQUE.

Pedro de Craon?

ODETTE.

Sim, esse nome creio que me disseram. Vós não me visteis, senhor, porque não tinheis olhos senão para a Rainha! Não ouvisteis o grito que eu dei quando desfalleci e que me julguei morrer, porque não escutaveis senão a voz da Rainha... Oh!... tudo

isto era natural.... Ella é tão bella! Ah! meu Deos, meu Deos (*afflicta.*)

DUQUE.

Pois bem, Odette; que importa quem eu sou, se te amo sempre?

ODETTE (*afastando-se, e com dignidade*)

Que importa, senhor?! Que importa dizeis vós?! E que seria de mim, se eu tivesse cedido quando m'o imploraveis de joelhos, na esperança de que vós me esposaríeis? Esta noite quando chegásseis, me teríeis encontrado morta. Oh! mas vós vos ríeis da minha morte, e me esqueceríeis bem depressa!

DUQUE.

Pois bem, Odette; eu te enganei. Enganei-te quando te disse que não era mais que um Escudeiro. Eu sou o Duque de Touraine, é verdade; mas diz-me, não me amas tu mais, rico e brilhante como me viste hontem, do que pobre e simples, como me vês agora?

ODETTE.

Eu, senhor?! Eu não vos amo.

DUQUE.

Como?! Porém tu tens-me dito mil vezes...

ODETTE (*interrompendo-o*)

Que amava o Escudeiro Luiz; que amava aquelle que era igual á pobre Odette. Que o amaria, até dar por elle, sorrindo, o meu sangue e a minha vida. Eu a daria tambem, por dever, ao meu senhor o Duque de Touraine; mas p'ra que precisaria da minha vida e do meu sangue, elle, o nobre marido da formosa Valentina de Milão, o galante cavalleiro da Rainha Izabel de Baviera?!

SCENA 6.^a

OS MESMOS E JOANNA (*que vem correndo*)

JOANNA (*com cuidado*).

Senhora, senhora, que é o que quererão de vós!?

DUQUE.

Quem?

JOANNA.

Oh mestre Luiz, uma carruagem, que chega agora mesmo!

DUQUE.

E d'onde vem?

JOANNA (*admirada*)

Da côrte!

DUQUE (*sobresaltado, e olhando para*

Odette, que está tranquilla e impassivel)

Da côrte (*á parte*) Ah! Carlos, Carlos! (*alto para Joanna*) Mas quem conduz?

JOANNA.

Uma nobre dama!

DUQUE.

Uma dama!!

JOANNA.

Sim, uma nobre dama que se apeou, e que espera na sala do jardim, occasião de ser aqui introduzida, para fallar a sós com a menina. (*para Odette*) Disse-me que vos annunciasse....

DUQUE (*muito inquieto*)

Quem, quem, Joanna?

JOANNA.

A Duqueza de Touraine!

DUQUE.

Minha mulher!!

JOANNA (*espantada*)

Sua mulher!!!

ODETTE (*com calma, e apoiando-se no hombro da sua ama*)

Sim, sua mulher. É Sua Alteza o irmão do Rei que tu vês. Elle tem uma mulher; e terá dito sorrindo-se a essa mulher = Há na rua de Feronerie, em frente do cemiterio dos Sanctos Innocentes, uma pobre rapariga, que me recebe todas as noites... durante que seu velho pae..... (*rindo amargamente*) Oh! é maravilha como ella me ama! = Eis-ahi o que elle lhe terá dito, Joanna, e sua mulher me quer vêr sem duvida.

DUQUE (*com força*)

Odette! se assim é, que eu mórra! Quizera antes perder cem mil libras, do que isto acontecesse! Oh! mas eu vo-lo juro! eu saberei d'ella mesma quem ousou revelar os meus segredos! e desgraçado d'aquelle que assim me trahio!. (*vai para sahir.*)

ODETTE (*com dignidade*)

Aonde ides, senhor? E se os vossos criados vos reconhecem? Dirão a Madama Valentina que esta-

veis aqui, o que ella de certo ignora. Vossa mulher me julgará mais culpada do que eu por ora sou, e então, ficarei perdida sem remedio.

DUQUE.

Mas vós não fallareis á Duqueza!

ODETTE.

Ao contrario; senhor, mister é que eu lhe falle; e se ella não tem senão suspeitas, eu lhe confessarei tudo.

DUQUE.

Fazei o que quizerdes, Odette; vós sempre tereis razão, e sereis um anjo! (*toma a capa da mão de Joanna*) Eu parto. Nada receeis — n'este disfarce ninguem me reconhecerá.

ODETTE (*resignada*)

Como vós quizerdes; senhor.

DUQUE.

Em todo o caso eu velarei por vós.

ODETTE.

Deos já vela por mim, senhor Duque, e eu espero que elle me fará a graça de continuar a proteger-me. (*faz respeitosa cortezia ao Duque, que se retira embuçado*) Joanna, dizèi á senhora Du-

queza de Touraine, que quando fôr da vontade de Sua Alteza, terei a honra de a receber.

(Joanna parte.)

SCENA 7.^a

ODETTE só.

Que venha! Que venham as recriminações e os sarcasmos! Depois de enganada, trahida nos mais puros affectos da minha alma, que venham as injurias e as ameaças. Depois de escarnecida e ludibriada, que venha o desprêso e a humilhação! A humilhação! oh! não! Encontrar-me-ha altiva e forte! Altiva da minha desgraça; forte da minha innocencia! Ah nobres, nobres, que assim nos lancaes o lôdo nas faces, e o fel no coração, e depois rides-vos da nossa desgraça!

SCENA 8.^a

ODETTE E A DUQUEZA DE TOURAINE.

(A Duqueza entrando, fecha a porta sobre si, e fica immovel diante da figura branca de Odette — Odette aproxima-se d'ella, e em distancia de dous passos, ajoelha-se.)

DUQUEZA *(á parte)*

Como é bella! *(alto, e com dignidade)* Sois vós

com effeito, que me quereis affrontar o amor de Sua Alteza, e que depois julgaes, que basta ajoelhar-vos diante de mim, para que vos eu perdôe?

ODETTE (*levantando-se*)

Ajoelhei-me, senhora, não para que vós me perdôasseis. Graças a Deos; não tenho a accusar-me de falta alguma para convosco. Ajoelhei-me, porque vós sois uma grande princeza, e eu uma pobre rapariga obscura. Mas agora que já tributei esse respeito á vossa qualidade, fallar-vos-hei de pé. Que Vossa Alteza me interrogue, que estou prompta a responder-lhe.

DUQUEZA (*tendo-a escutado com muita commação, leva o lenço aos olhos*)

Sentai-vos....

ODETTE (*sensibilizada*)

Vós choraes, senhora! Oh! então eu vos abrirei francamente a minha alma! Eu vo-lo juro, não foi minha a culpa! Elle veio a casa de meu pae, como um simples Escudeiro do Duque de Touraine, sob o pretexto de lhe comprar alguns cavallos para seu amo. Eu vi-o! era tão bello! Olhei-o sem suspeita, porque o julgava meu igual. Elle dirigiu-se a mim,

e fallou-me. Nunca eu tinha escutado uma voz tão doce, a não ser nos meus sonhos da infancia, quando os Anjos desciam ainda sobre o meu berço! Ignorava tudo, tudo! Que elle fosse casado, que fosse Duque, que fosse Principe! Se soubera que elle era o vosso esposo, senhora, e vos tivesse conhecido bella e magnifica como sois, teria sabido ao mesmo tempo que elle zombava de mim, quando dizia que me amava.... Mas.... elle.... nunca me amou, e eu.... já o não amo.

DUQUEZA (*olhando-a com compaixão*)

Pobre donzella! que crê que se pôde amar uma vez, e esquecer-se depois!

ODETTE.

Eu não disse que o havia de esquecer, senhora, eu disse que o não amarei mais; porque se não deve amar senão o nosso igual, senão aquelle de quem se possa ser mulher.

DUQUEZA.

É verdade.

ODETTE.

Oh! hontem, hontem quando eu o vi n'esse magnifico cortejo, coberto de esplendidos vestidos;

quando reconheci feição por feição, esse Luiz que eu julgava meu, por Luiz, Duque de Tourainé que é vosso; oh! eu vo-lo juro! acreditei que tinham lançado sobre mim algum feitiço, e que os meus olhos me enganavam! Elle fallou, e eu cessei de respirar e de viver para o ouvir. Era a sua voz! fallava á Rainha! Oh! a Rainha! (*depois de uma breve pausa, e com uma profunda expressão de dôr*) E vós, senhora, vós não odiaes a Rainha?!

DUQUEZA (*pondo-lhe vivamente a mão na bôca*)

Silencio, donzella! Madama Isabel de Baviera é nossa soberana; Deos no-la deu por senhora, e nós devemos ama-la.

ODETTE (*tristemente*)

Foi assim que me disse meu pae, quando eu entrei moribunda n'esta sala, e que lhe jurei que não poderia nunca amar a Rainha.

(*A Duqueza fixa os olhos em Odette com uma extrema expressão de ternura e de dôr. N'este momento, a donzella levanta tambem os seus, e as vistas d'ambas se encontram. A Duqueza abre os braços; Odette se precipita a seus pés.*)

DUQUEZA (*depois de a ter abraçado*)
Agora não tenho mais que vos dizer. Promettei-me de o não tornardes a vêr, e eis-ahi tudo.

ODETTE.
Por desdita minha, senhora, não vos posso prometter isso. O Duque de Touraine é rico e poderoso. Se eu fico em Paris, elle póde chegar até onde eu estiver; se me ausento, póde seguir-me por toda a parte. Por isso não vos posso prometter de o não tornar a vêr, mas posso jurar-vos....

DUQUEZA (*vivamente*)
O que, Odette?

ODETTE.
De morrer no instante em que o vir.

DUQUEZA.
Vós sois um anjo, donzella; e eu espero alguma felicidade n'este mundo, se me prometteis de rogar a Deos por mim.

ODETTE.
Rogar a Deos por vós, senhora? E não sois vós uma d'essas princezas afortunadas, que tiveram uma fada por madrinha? Vós que sois joven, bella, poderosa, e que vos é permittido ama-lo?!

DUQUEZA.

Então pedi a Deos que elle me ame.

ODETTE.

Forcejarei por isso.

DUQUEZA (*estendendo-lhe a mão*)

Odette, se algum dia precisardes de favor, de protecção ou de soccorro, pensai em mim, e procurai-me.

ODETTE.

D'hoje em diante de bem poucas cousas precisarei no mundo, senhora; mas acreditai, que não será mister que eu tenha precisão de vós, para que me lembreis.

DUQUEZA.

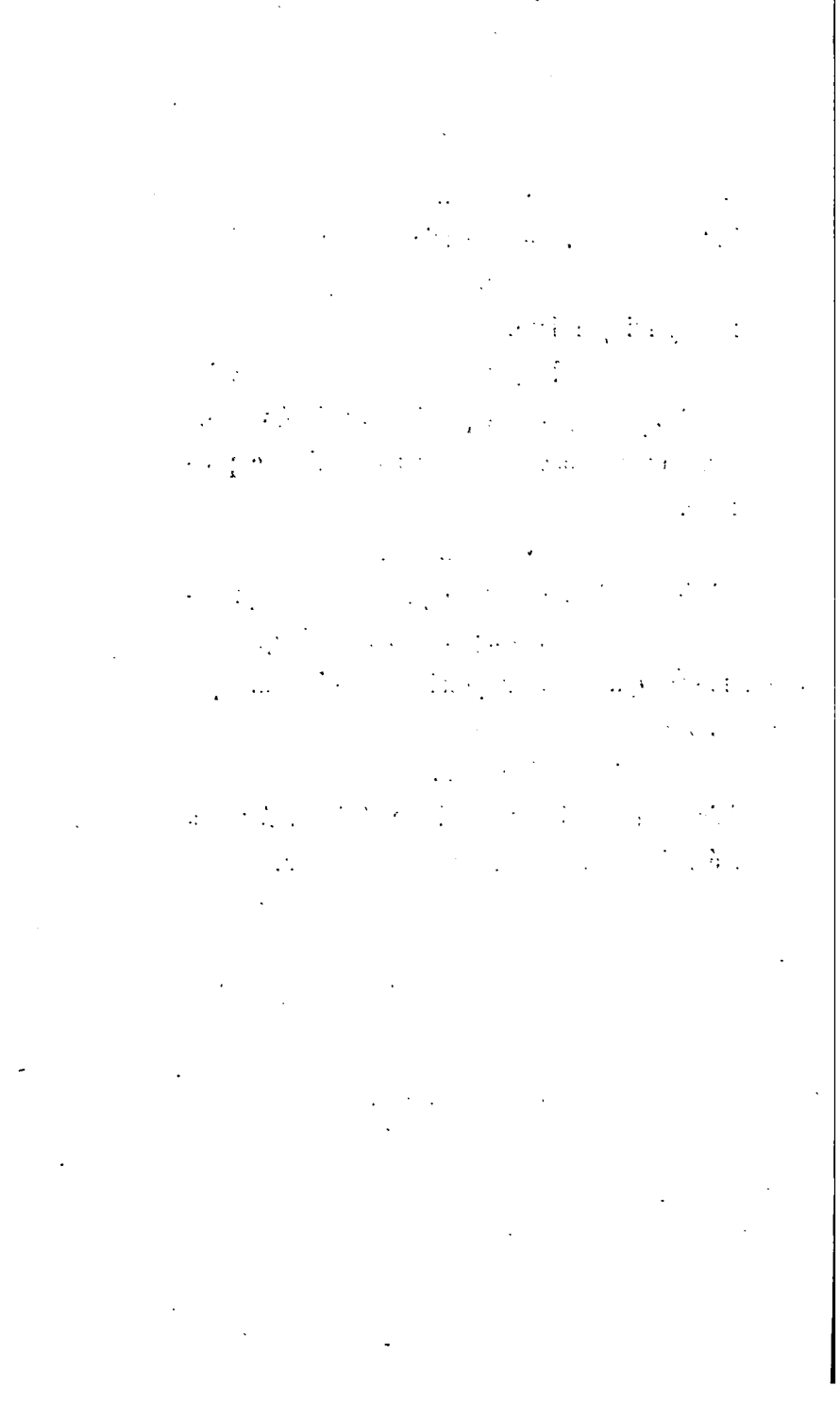
Adeos. Vós sois joven e bella, Odette. A vossa alma é nobre e virtuosa. Tende esperança.

ODETTE (*apontando para o ceo*)

Em Deos, senhora.

(*Cahe o panno.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.



ACTO SEGUNDO.

Palacio do Rei Carlos 6.º

*A*o levantar o panno, vê-se Valentina de Milão sentada n'uma cadeira de braços, com a face apoiada na mão. Está triste e pensativa. Logo apparece o Duque de Touraine pela porta do fundo, que vem avançando cauteloso nas pontas dos pés, para que não seja sentido da sua mulher. Chegando ao pé d'ella, apoia-se sobre as costas da cadeira, e tirando do seio um collar de magnifcoas perolas, o suspende por cima da cabeça da Duqueza, deixando-lh'o cahir sobre os hombros. Valentina sobresaltada dá um grito, e voltando-se, vê o Duque.

SCENA 1.^a

VALENTINA E O DUQUE DE TOURAINÉ.

VALENTINA (sobresaltada)

Ah! Que me quereis, senhor!

DUQUE (*tomando entre os dedos o collar de perolas, e aproximando-o da bôca de Valentina*)

É de certo uma vergonha para esse paiz do Oriente! Olhai um collar que me foi mandado, como uma maravilha, pelo Rei da Hungria, Segismundo de Luxemburgo! Elle julga fazer-me um presente de imperador, e vêde que eu tenho perolas mais brancas, e mais preciosas do que as suas. (*Valentina suspira, porém o Duque finge não perceber, e continúa*) Sabeis que ainda não vi nada como vós, minha bella Duqueza? e que sou um homem bem feliz em possuir um tão rico thesouro de bellezas e de graças? Ha alguns dias, que meu thio de Berry me gabou tanto os olhos assetinados da Rainha, que eu ainda não tinha observado, que ante-hontem aproveitei-me do lugar que occupava ao pé d'ella, para os examinar a meu gosto.

VALENTINA.

E então?

DUQUE.

Então, lembra-me de ter visto dous, é verdade que me não recôrdo aonde, que podiam sem receio

sustentar a comparação com os seus! Ah! sim, foi em Milão; foi em Milão que eu os vi; no palacio do Duque Galeas Visconti. Por signal, que brilhavam debaixo das mais bellas sobranceiras negras, que pincel de imaginação sublime, jámais traçou no rosto d'uma italiana! Pertenciam a uma certa Valentina, que depois foi mulher de não sei que Duque de Touraine, o qual, é preciso confessarmos, não merecia tamanha felicidade.

VALENTINA (*com tristeza e amor*)

E acreditaes vós, que essa felicidade lhe pareça tão grande?

DUQUE (*tomando a mão de Valentina, e pondo-a sobre o coração*)

Oh! immensa!... (*tira um anel, e o mette no dedo de Valentina.*)

VALENTINA.

Que anel é este?

DUQUE.

É um objecto que vos pertence de direito, minha bella Duqueza, porque fosteis vós que m'o fizesteis ganhar. Preciso é que vos eu conte como isto foi.

(deixa o lugar em que estava, e vem sentar-se aos pés da Duqueza, em um assento baixo): Sim, ganhar a esse pobre senhor de Coucy.

VALENTINA.

E como assim?

DUQUE (*sempre com galanteria*)

Vós o ides saber, e aconselho-vos que o não tenhaes em vossa graça; porque elle pretendia ter visto duas mãos, ao menos tão bellas como as vossas.

VALENTINA.

E aonde as tinha elle visto?

DUQUE.

Na rua de Feronerie, indo lá comprar um cavallo.

VALENTINA.

E a quem as vio elle?

DUQUE.

Á filha d'um mercador de cavallos. Bem vêdes que eu neguei que isso fosse possivel; Coucy sustentou por teima o que tinha dito, tanto, que apostamos, elle este annel, e eu esse collar de perolas. Então disfarcei-me em Escudeiro, para vêr esta maravilha; e fui a Champs Divers comprar, por um preço louco, os dois peores sendeiros, que jámais

cavalleiro, trazendo corôa de Duque, montou em castigo de suas faltas. Mas assim vi a deosa dos braços d'alabastro, como lhe teria chamado o divino Homero. É preciso confessarmos, que Coucy não é tão grande louco como eu o tinha julgado antes! e é para admirar, como tão formosa flôr tem podido brotar em semelhante jardim! Comtudo, minha bella Duqueza, não me confessei vencido. Como bom cavalleiro, sustentei a honra da dama dos meus pensamentos. Coucy manteve o seu dito. Breve iríamos pedir ao Rei meu senhor, que auctorisasse uma justa para decidir do caso; quando foi convençionado entre nós, que nos reportariamos em Pedro de Craon, como juiz do campo, e muito versado n'estas materias. Ha quatro dias, creio eu, que fomos juntos a casa d'esta bella rapariga, e pela minha honra, De Craon é um excellente juiz, e eis-ahi o anel no vosso dedo. Que dizeis d'esta historia?

VALENTINA.

Que já a sabia, senhor.

DUQUE.

Como assim! Coucy é mui galante cavalleiro, para que vos fizesse semelhante confidencia.

VALENTINA.

Não é d'elle que eu o sei.

DUQUE.

De quem é pois?

VALENTINA.

Do vosso juiz do campo.

DUQUE (*levantando-se*)

De Messire de Craon?! (*á parte, com furor concentrado*) Ah!.... (*disfarçando e com ar de riso*) Sim.... comprehendo, De Craon sabe que o tenho sempre por meu companheiro; que está muito nas minhas graças; quer tambem entrar nas vossas. Á maravilha!.... Mas não achaes que não vale a pena de estarmos assim por tanto tempo, a conversar em cousas frivolas? Olhai que hoje ha justa, e que eu vou sustentar á ponta da minha lança, que vós sois a mais bella dama do torneio. E lá, não terei por arbitro a Pedro de Craon.

(*Valentina levanta-se, e lançando os braços em volta do pescoço do Duque, diz com ternura e tristeza*)

VALENTINA (*com ternura*)

Ah Luiz! Luiz! que sois bem culpado se me enganaes! (*O Duque beija-a, e ella retira-se.*)

SCENA 2.^a

O DUQUE DE TOURAINÉ, E LOGO O REI.

DUQUE (*com furor*)

Pela alma de meu pae! que farei custar bem cara ao infame a sua traição e aleivosia! Pela alma de meu pae!.....

REI (*entrando, lhe diz com interesse e sorrindo-se*)

Que é isso, irmão? Que tendes? Que tendes, que me parecêis tão perturbado?

DUQUE.

E bastante causa tenho para isso, senhor.

REI (*dando o braço a Luiz, e com affabilidade*)

Vamos, vamos, dissei-no-lo, porque desejamos sabê-lo. E se é que alguém vos affrontou, todò o nosso empenho será fazer-vos justiça.

DUQUE,

Foi o infame e desleal De Craon, senhor, a quem eu tratava com tanta amizade, que trahio vil e cobardemente a minha confiança, contando a Valentina os meus segredos! Segredos d'amores, que só eu e elle sabiamos, e que não era mister que minha mulher tambem soubesse! Mas o que é mais infame e desleal, meu irmão; o que é mais vil e criminoso, é a intenção damnada com que o traidor o fazia! *(com força)* Meu Rei! pela fé que vos devo, pelo amor que vos tenho, eu vos juro, que se me não fazeis justiça d'este homem, lhe chamarei traidor e mentiroso diante de toda a vossa côrte! E juro-vos pela alma do nosso augusto pae, pelos lizes da vossa corôa, que elle não morrerá senão ás minhas mãos.

REI *(sorrindo-se)*

Vós não fareis isso, porque nós vo-lo pedimos, não é assim, Luiz? Mas nós lhe diremos, e esta tarde, que despeje immediatamente o nosso palacio, que não precisamos do seu serviço. Já não é a primeira quibixa que d'elle temos, e se lhe havemos fechado os ouvidos, tem sido por vosso respeito, porque era elle um dos vossos mais predilectos. Nosso

irmão o Duque d'Anjou, Rei de Napoles, de Sicilia e Jerusalem, onde está o Calvario (*descobre-se*), tem bem de que se queixar pelas consideráveis sommas que elle lhe tem dissipado. Demais, De Craon é primo do Duque de Bretanha, que não tem em nenhuma conta a nossa vontade, e no-lo prova todos os dias, pois que ainda não cumprio nada da reparação que d'elle havíamos exigido, a respeito do nosso bom Condestavel. Depois, tambem sei, que esse perfido Duque, persiste em não reconhecer a auctoridade do Papa d'Avignon, que é o verdadeiro Papa. Que continúa, não obstante a minha prohibição, a cunhar moeda d'ouro, quando a um vassallo não é permittido cunha-la senão de cobre. Sei mais, e por boa via, que os officiaes da sua justiça, não reconhecem a jurisdicção do Parlamento de Paris. Que chega mesmo a receber o juramento dos seus vassallos, sem reserva da minha suzerania, o que é quasi um crime d'alta traição. Ora, todas estas cousas, e ainda outras mais, fazem com que os parentes e os amigos d'esse Duque, não possam ser os meus amigos; e vem a proposito que tenhaes razão de queixa contra Messire de Craon, de quem eu

mesmo já suspeitava. Assim, espero que elle não será desde hoje mais motivo de questão. Esta tarde fazei-lhe saber a vossa vontade, que eu lhe farei saber a minha. Em quanto ao Duque de Bretanha, é negocio de Suzerano a vassallo; e se o Rei Ricardo nos conceder a trégoa de tres annos que lhe pedimos, ainda que elle seja sustentado por nosso thio de Borgonha, veremos qual de nós, se eu, se elle, é o verdadeiro senhor do Reino de França. Este Duque, que não é inglez, nem francez, nem cão, nem lobo, já nos aborrece. A Bretanha não póde esquecer que foi reino, custa-lhe tornar-se provincia. Pois bem, se fôr preciso, bateremos tanto e tão de rijo sobre a sua corôa ducal, que lhe faremos cahir todas as folhas, e a daremos em baronato a qualquer dos nossos bons servidores, como n'este momento vos damos a vós o Ducado d'Orleans, em lugar do de Touraine.

DUQUE (*inclinando-se, beija a mão do Rei, que o levanta com ternura*)

Senhor!....

REI.

Sim, meu irmão, e nós vo-lo damos comò o teve

Philippe, com todas as suas rendas e dependencias ; e d'ora ávante, não vos chamaremos mais Touraine, porque este ducado fica, a contar desde hoje, reunido á corôa ; mas Orleans, porque desde hoje esse ducado vos pertence.

DUQUE.

Eu vo-lo agradeço, meu irmão, e vos serei eternamente reconhecido, pela parte que tomaes nas minhas affrontas.

REI.

Como se foram minhas proprias.

DUQUE.

Onde quer que ellas appareçam, ahi acharão a minha lança e a minha espada, para as castigar e vingar-vos !

REI (*abraçando-o*)

Bem sei, Luiz. Não ignoro quanto te mereço. Vai agora, que deves de ter os teus preparativos para o torneio. Eu não apparecerei senão mais tarde, porque me não sinto bom. A Rainha fará comtudo começar as justas na minha ausencia. Adeos, meu irmão, adeos, Luiz. (*O Duque beija novamente a mão do Rei, e retira-se.*)

SCENA 3.^a

O REI, E LOGO VALENTINA.

(Logo que o Duque sahe, o Rei vai sentar-se n'uma cadeira. Entra Valentina, que vendo o Rei, vai a retirar-se outra vez.)

VALENTINA *(com embaraço)*

Ah! sois vós, senhor! Desculpai-me, julguei que meu marido....

REI *(com bondade)*

Não vos retireis, minha irmã; entrai, entrai, que sempre a vossa companhia será para mim muito appetecida e agradável. Se aqui não encontraes já vosso marido, encontraes um irmão, que vos quer e estima, outro tanto como elle.

Então não acompanhaes a Rainha? Não quereis hoje nada do torneio? No entanto Luiz vai combater em vossa honra, e sustentar, como eu sustentaria, que vós sois a mais bella e a mais nobre dama de toda a França.

VALENTINA:

Não me sinto boa. E demais é essa uma razão para que eu não assista ás justas d'hoje. O Duque

meu senhor commetteu desafio de guerra a todo aquelle que se apresentasse na liça, e que assim quizesse combater com elle. Oh!... se alguem apparecesse!... eu morreria de susto e de dôr!

REI.

Nada temais. Quasi sempre os adversaribz combatem com armas de cortezia; e o broquel de guerra que, diante do pavilhão do mantenedor, faz symmetria ao escudo de paz, está alli sómente para indicar que seu senhor, não recúa diante de alguma empreza, e que está prompto a acceitar todo o genero de desafio.

VALENTINA.

Oxalá que assim seja!

REI.

E ainda mesmo que se apresentasse alguem, e que esse fosse o nosso primo de Nevers, que é uma das lanças mais temiveis, e um dos melhores justadores de toda a França; nem esse teria vantagem sobre Luiz. Luiz é bravo e dextro. O cavallo de batalha mais duro e mais ardente, obedece submisso á pressão dos seus joelhos. A lança mais pesada, e a espada mais longa, tornam-se um brinco nas suas

mãos d'alabastro. Não receeis, irmã, não receeis de nada; em todo o caso, Luiz é uma boa lança. Comtudo eu quiz, e até lhe pedi, que renunciasse ao seu projecto, quando me veio pedir licença para manter a justa com armas de guerra; porém elle respondeu-me que se tinha compromettido a isso diante de todas as damas da côrte, e eu que conheço o valor d'um tal compromisso, forçoso me foi ceder.

SCENA 4.^a

OS MESMOS E UM PAGEM.

PAGEM (*da porta do fundo*)

Os Cavalleiros e Senhores que teem de acompanhar Sua Alteza ao torneio, aguardam as suas ordens. (*Retira-se.*)

SCENA 5.^a

O REI E VALENTINA.

REI.

Será hoje breve o torneio; que não está a minha

cabeça para poder soffrer muito. O sol abrasador, que em todos estes dias de festas e de justas, tenho recebido, tem-me feito um mal terrivel. A cabeça escalda-me como se fôra um volcão!

Adeos, Duqueza, até logo. Correrei uma lança com o meu Condestavel de Clisson, e depois farei cessar as justas. (*Parte, acompanhando-o a Duqueza até á sahida, onde o corteja respeitosa-mente.*)

SCENA 6.^a

A DUQUEZA só, e logo entra um seu Pagem.

DUQUEZA.

Oxalá que assim seja! Oxalá que não haja al-
guem, que aproveitando-se da occasião, entre na lica
como amigo, e lá tirando a mascara, lhe venha offe-
recer um combate de inimigo e de sangue!

PAGEM.

Uma dama desconhecida espera na ante-camera,
que seja da vontade de Sua Alteza recebê-la.

DUQUEZA.

Fazei-a entrar. (*Vai sentar-se, e sahe o pagem.*)

SCENA 7.^a

VALENTINA E ODETTE.

VALENTINA (*admirada*)

Odette! Que faz que eu tenha o prazer de vos tornar a vêr?!

ODETTE.

Vós fosteis tão boa para comigo, que não quiz que se fechasse a grade de um convento, entre mim e o mundo, sem que vos eu viesse dizer adeos.

VALENTINA (*com sentimento*)

Como, pobre menina, pois tomaes o véo?

ODETTE.

Não ainda, senhora, porque meu pae me fez prometter-lhe, que não pronunciaria os votos em quanto elle vivesse. Mas tenho chorado tanto sobre o seu peito, tanto tenho pedido de joelhos, que elle em fim permittio que me recolhesse como pensio-nista ao Convento da Trindade, do qual minha thia é superiora; e para lá vou hoje.

VALENTINA (*tomando-lhe a mão*)

Não é só isso o que me quereis dizer, não é assim? Ha nos vossos olhos uma expressão de receio... de tristeza....

ODETTE.

É verdade, senhora... Eu queria fallar-vos... de...

VALENTINA.

De quem?

ODETTE.

E de quem quereis vós que eu vos falle senão d'elle? Por quem quereis vós que eu receie senão por elle?

VALENTINA (*assustada*).

E que podeis vós recear?!

ODETTE.

Vós me perdoareis, não é verdade? Vós me perdoareis de vos vir fallar de Sua Alteza o Duque de Touraine. Mas se algum perigo...

VALENTINA (*afflicta*).

Algum perigo!! Explicai-vos! vós me fazeis morrer!

ODETTE.

O Duque vai hoje manter a justa, não é assim?

VALENTINA (*sobresaltada*).

Sim, e então?

ODETTE.

Sabeis, que meu pae tem fama de possuir os

melhores cavallos, que se podem encontrar na cidade de Paris. Foram lá hoje uns homens, que pediram para vêr o mais duro e o mais agil cavallo de batalha, que tivesse para vender. Meu pae perguntou-lhe se era para as justas d'hoje; elles disseram-lhe que sim; que um cavalleiro estrangeiro desejava combater n'ellas. — « Então haverá justa de guerra? replicou meu pae » — « De certo, respondeu um d'elles, sorrindo-se; e a todo o transe. » — Então eu, mesmo trémula como fiquei ao ouvir estas palavras, segui-os. Desci com elles. Escolheram o mais forte cavallo que havia nas cavalhariças, e provaram-lhe um arnéz de batalha! Comprehendeis, senhora? Oh! fazei saber isto ao Duque! Fazei-lhe saber, que ha projecto e ameaça contra elle! Que se defenda com toda a sua força e destreza! Que se defenda por vós, que sois tão bella, e que o amaes tanto! Oh! dizei-lh'o como eu vo-lo digo, com as mãos postas! Dizei-lh'o como eu lh'o diria, se estivesse no vosso lugar!

VALENTINA.

Obrigada, minha filha, obrigada; mas o vosso aviso chega tarde. O Duque já partio, e talvez que

a esta hora..... oh! meu Deos! (*cobre o rosto com as mãos, afflicta.*)

ODETTE.

Pois bem, já que o não pude impedir, ao menos vou.....

VALENTINA (*vivamente*)

Aonde ides, donzella?!

ODETTE (*com placidez*)

Encerrar-me na Igreja do meu Convento. Agora que a minha vida é só para Deos, devo rogar por todos os homens, e especialmente pelo meu soberano, e pela sua familia. Assim, eu rogarei por elle. Com a fronte sobre o marmore, pedirei a Deos que tome os meus dias em troco dos seus; e Deos me comprehenderá, Deos me ouvirá talvez. Vós pela vossa parte, rogai tambem. O Senhor, sem duvida, ouvirá a vossa voz antes da minha; porque vós sois uma nobre princeza, e eu não sou mais que uma rapariga pobre e desgraçada. Adeos, senhora, adeos! (*parte precipitadamente.*)

(*Logo que Odette sahe, ouve-se um grande ruido no palacio — gritos fortes e destemperados.*)

Valentina corre sobresaltada á porta, a escutar. Logo entra apressado o Duque d'Orleans, que vem ferido na testa.)

SCENA 8.^a

VALENTINA E LOGO O DUQUE D'ORLEANS.

VALENTINA (*assustada*)

Meu Deus! que rumor! que gritos serão estes!!

DUQUE (*entrando afficto*)

O medico! o medico! Onde está Mestre Guilherme d'Hersilly?!

VALENTINA (*com angustia*)

Ferido! ferido!

DUQUE.

Não vos assusteis, Valentina; não vos assusteis, que de nada vale. Oxalá que um acontecimento terrível, funesto!..... (*Continúa a ouvir-se o barulho, e gritos, de mais perto.*)

VALENTINA.

Senhor! Luiz! que gritos serão estes?!

DUQUE.

É o Rei!

VALENTINA (*com ansiedade*)

O Rei!!

DUQUE (*com muito sentimento*)

Sim, o Rei que endoudeceu!

VALENTINA.

Que desgraça, meu Deos!

DUQUE.

Quando entrou no campo, já vinha melancolico e abatido; assim mesmo quiz justar com Clisson, e ordenou que lhe vestissem a armadura. O seu peso, os ardores do sol, e mais que tudo a indisposição do Rei, breve fizeram desenvolver o terrivel mal. Logo depois da primeira corrida, e aos gritos de traição! traição!, deixando cahir a lança, arrancou da espada, e com os olhos desvairados e chammejantes, correu com ella alevantada, sobre todos os que estavam presentes. O bastardo de Polignac, que tentou socorrê-lo, cahio victima da sua dedicação, atravessado de dous golpes!

VALENTINA (*afflicta*)

Meu Deos!

DUQUE (*continuando*)

A vista do sangue, em vez de o acalmar, re-

dobrava o seu furor! Corria, accommettendo tudo o que encontrava, gritando sempre — « Ávante! ávante sobre estes traidores! » — Até que, extinguindo-se-lhe as forças, deixou cahir a espada; e no mesmo instante, Messire de Marçel lhe segurou o cavallo. Desceram-o, despiram-lhe a armadura, e para aqui o conduzem. Mas o medico? O medico? Onde está Mestre Guilherme?

O MEDICO (*entrando apressado*)

Eis-me aqui, senhor, eis-me aqui!

DUQUE.

Mestre, o Rei.....

MEDICO (*com dôr*)

Já sei tudo, senhor! Que fatal desgraça! Eu còrro.....

(*Ouvem-se os gritos mais perto.*)

DUQUE.

Elle chega.

(*Entra o Rei segurado por dous cavalleiros. Vem no maior estado de furia, gritando sempre = Traição! Traição! = Traz os vestidos rôtos, o semblante descomposto, cabellos hirtos, &c.*)

SCENA 9.^a

OS MESMOS, O REI, OS DUQUES DE BERRY, E DE BORGONHA, CAVALLEIROS, PAGENS, &c.

REI (*gritando, e debatendo-se entre os cavalleiros que o seguram*)

Traição! Traição! Ávante! Ávante sobre estes traidores!

(*Formam todos um grupo em volta do Rei, excepto os Duques de Berry e de Borgonha, que ficam retirados.*)

D. DE BERRY (*á parte ao de Borgonha*)

A quem tocará a regencia?

D. DE BORGONHA (*o mesmo*)

Provavelmente a nós, meu irmão.

REI (*gritando*)

Traição! Traição! Morte aos infames! morte aos traidores!

(*Desce o panno.*)

FIM DO SEGUNDO ACTO.

(*Esta scena deve ser viva, e o grupo bem disposto e expressivo.*)

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
DEPARTMENT OF CHEMISTRY
58 CHEMISTRY BUILDING
CHICAGO, ILLINOIS 60637

RECEIVED
MAY 15 1964

TO THE DIRECTOR
OF THE NATIONAL BUREAU OF STANDARDS
WASHINGTON, D. C. 20540

FROM
DR. J. H. GOLDSTEIN

RE
NBS 5000-100-01

1000-100-01

1000-100-01

1000-100-01

1000-100-01

1000-100-01

ACTO TERCEIRO.

Sala no Palacio do Rei.

SCENA 1.^a

A RAINHA E MAD. DE COUCY.

MAD. DE COUCY.

A PESSOA que Vossa Alteza mandou chamar, já chegou.

RAINHA.

É a Superiora do Convento da Trindade; não é assim, Mad. de Coucy?

MAD. DE COUCY.

Ella mesma, senhora, e espera....

RAINHA.

Fazei-a entrar.

(A Rainha vai sentar-se. Mad. de Coucy sahe, e logo entra a Superiora do Convento da Trindade.)

SCENA 2.ª

A RAINHA E A ABBADESSA.

RAINHA.

Minha Madre, eu queria fallar-vos sem testemunhas sobre um objecto muito importante, e que respeita inteiramente aos negocios do Estado.

ABBADESSA (*humildemente*)

A mim, senhora?! E como posso eu, retirada do mundo, e toda entregue a Deos, intrometter-me nas coisas da terra?

RAINHA (*sem attender á sua resposta*)

Sabeis, que depois do bello espectaculo que me foi offerecido diante do vosso Convento, por occasião da minha entrada na cidade de Paris, vos fiz remetter para vos agradecer e indemnisar, um relicario de ouro, destinado a Sancta Martha, por a qual sei que tendes uma particular devoção.

ABBADESSA.

Eu sou de Tarrascon, senhora, aonde Sancta Martha é muito venerada, e vos fiquei summamente reconhecida, por um tão rico presente.

RAINHA.

Demais, por occasião das festas da Pascoa, sem-

pre tenho escolhido, como sabeis, o vosso Convento para ahi fazer as minhas orações; e de todas as vezes, creio que tereis notado, que a Rainha de França, não é avára nem esquecida.

ABBADESSA.

Tanto mais somos reconhecidas aos vossos favores, que não temos ainda tido a felicidade de alguma coisa fazer, para os merecermos.

RAINHA.

Nós somos assaz influente ao lado do nosso Sancto Padre d'Avignon, para ajuntarmos os dons espirituaes aos temporaes; e elle não nos recusará de certo, as indulgencias que lhe solicitarmos para a vossa communidade.

ABBADESSA.

Senhora, vós sois uma grande e poderosa Rainha, e se o nosso Convento poder fazer alguma coisa para reconhecer.....

RAINHA (*interrompendo-a*)

Não o vosso Convento; mas vós talvez, minha Mãre.

ABBADESSA.

Eu, senhora!?! Ordenai; e se está no meu poder...

RAINHA.

Oh! é uma coisa bem facil. O Rei está, como sabeis, atacado de uma ardente molestia. Encerrado até agora com homens vestidos de negro e mascarados, para lhe inspirarem terror, são elles que o obrigam a submetter-se aos preceitos dos medicos; mas o estado de agitação em que o poem esta violencia, impede que os remedios tenham sobre elle um pleno e decidido effeito. Quer-se experimentar, se pela persuasão e pela brandura, será possivel obter um resultado, que até agora não tem podido conseguir-se senão pela força; e espera-se, por exemplo, que uma das vossas irmãs, joven e terna, apparecendo-lhe como um anjo no meio dos fantasmas que o cercam, seja para elle uma visão celeste, que seu espirito recobrará alguma tranquillidade; e é só a tranquillidade que póde tornar a razão áquella pobre cabeça perdida. Eu pensei em vós, e desejei que a honra da recuperação da saude do Rei, recahisse sobre o vosso Convento. Tudo será de certo attribuido ás vossas orações, á intercessão de Sancta Martha, e á piedade da digna Abbadessa, que dirige o candido rebanho das irmãs da Trindade. Eis-aqui,

minha Madre, para o que vos mandei chamar; enganar-me-hia eu, julgando que uma tal petição vos seria agradavel?

ABBADESSA:

Vós conheceis, senhora, algumas de minhas filhas; indicai-me vós mesma, aquella a quem reservaes a honra de velar pelo precioso doente, cuja saude a França inteira, implora hoje a Deos.

RAINHA.

Deixo inteiramente esse cuidado á vossa solícitude, minha Madre. Escolhei quem vós quizerdes para esta sancta missão. As pombas que o Senhor confiou á vossa guarda, são todas candidas e puras; Deos conduzirá vossa mão, a benção do povo descerá sobre ella, e os favores da Rainha se derramarão na vossa familia.

ABBADESSA.

Estou prompta para obedecer ás vossas ordens, senhora; a minha escolha está lançada. Indicai-me sómente o que me resta a fazer.

RAINHA.

Conduzireis, o mais de pressa possivel, essa joven a este palacio. Fazei-o saber já a Mestre Guilherme

d'Hersilly, que por elle serão dadas as ordens precisas, para que a camera do Rei lhe seja frauqueada. *(a Abbadessa inclina-se, dá alguns passos para sahir, mas á voz da Rainha se detem)* A proposito ; esquecia-me prevenir-vos, que dei ordem para vos levarem esta manhã, um relicario d'ouro puro, no qual está encerrado um pedaço da verdadeira cruz, e que me foi enviado pelo Rei da Hungria, que o houve do Imperador de Constantinopola. Espero que elle attrahirá sobre o vosso Convento, as graças do Senhor, e sobre o vosso thesouro, as esmolas dos fieis. Acha-lo-heis na Igreja. Adeos, minha Madre, rogai por mim.

(A Abbadessa inclina-se, beija a mão da Rainha, e parte.)

(Logo que a Abbadessa sahe, apparece o Duque d'Orleans, examinando cuidadosamente se a Rainha está só ; vendo que sim, entra com precipitação por uma porta lateral.)

SCENA 3.^a

A RAINHA E O DUQUE D'ORLEANS.

DUQUE *(correndo para Isabel)*

Ah! que acabo eu de saber, senhora! Que é

necessaria constantemente a vossa presença ao pé do Rei!

RAINHA.

Sim, é o seu medico, é Guilherme d'Hersilly, que pretende que a minha presença lhe fará grande bem. Que dizeis vós a isto, senhor Duque?

DUQUE.

Digo, que a primeira vez que elle se afastar de Paris, para ir procurar as suas drogas na floresta de Beaumont, o farei enforcar no braço da mais sólida arvore e de melhores raizes. Miseravel ignorante! que estancando toda a sua sciencia, se quer servir de vós como d'um remedio, sem pensar no perigo a que vos expõem!

RAINHA (*sorrindo-se*)

De veras?... Pois correria eu algum risco?

DUQUE.

Oh senhora, risco de vida! A loucura do Rei é furiosa! E não matou elle, no momento em que ella o atacou, o bastardo de Polignac, e ferio tres ou quatro senhores? Julgaes que elle vos reconhecerá, a vós, quando nem sequer me reconheceu, correndo furioso sobre mim, seu irmão querido, com a espada

alevantada, e que se escapei á morte, dexo-o á vacuidade do meu cavallo? Mas.... mais valêra que elle me tivesse então matado!...

RAINHA (*sorrindo-se*).

Matar-vós, senhor! Oh! fazei mais caso da vida. Não vo-la tornamos nós; bella e feliz com o nosso amor? e não é bem desagradavel vêr que vós a despresaes assim?

DUQUE.

É que recêar sempre por vós, minha Isabel; é que tremer a cada ruido que sahir d'esse quarto maldito; é que saber que estaes só, a toda a hora do dia e da noite, encerrada com um louço!... Oh! que me fareis maldizer do ceo, por aquillo mesmo que eu devia agradecer-lhe! pela saude de meu irmão! se ella fôr recuperada á custa de tantos perigos para vós! E dé ingrato que eu já sou para com elle, vós me fareis!.....

RAINHA (*o mesmo*).

Socegai, socegai. Já vos deveriamos ter dito, que não ficavamos n'este palacio. Hoje mesmo.... parto para Vincennes.

DUQUE (*com alegria*)

Vós não ficades?! (*triste*) E como fareis vós para não ficades? Que dirão os Duques de Berry e de Borgonha?

RAINHA.

E julgaes que elles desejam sinceramente o restabelecimento do Rei?

DUQUE.

Não, pela minha alma! O Duque de Borgonha é insaciavel de poder, e meu thio de Berry insaciavel de ouro! A doença de meu irmão duplica o poder de um, e cunha moeda para o outro. Mas... elles saberão fingir, e quando virem que vós recusaes ficar... Demais, deveis vós fazê-lo? Ah! meu irmão! meu pobre irmão!

RAINHA (*com galanteria*)

Vamos, consolai-vos, meu bello Duque. Eu não ficarei, mas o Rei saará; e o vosso fraternal coração, não terá nada de que se accusar. Nós já descobrimos um meio, e vo-lo diremos mais tarde. Por ora é o nosso segredo. Tranquillisai-vos no entanto, e olhai-nos com os vossos olhos tão ternos! (*depois de uma breve pausa, fixando-o attenta-*

mente) Como sois bello, senhor! Na verdade, tendes um semblante de que tenho inveja! Deos começou por fazer de vós uma mulher; depois..... julgou que lhe faltaria um homem para me tornar um dia louca.....

DUQUE.

Minha Isabel!...

RAINHA (*tirando do seio um retrato*)

Olhai, senhor, que dizeis d'esta pintura?

DUQUE (*arreatando-o das mãos da Rainha*)

O vosso retrato! Vosso retrato querido! adorado!

RAINHA (*rapido*)

Escondei-o, escondei-o, de pressa, que vem alguem.

DUQUE (*beijando-o e mettendo-o no seio*)

Oh! sim, no meu peito! sobre o meu coração! para sempre!

(*Abre-se uma porta lateral, e um pagem annuncia*)

PAGEM (*da porta*)

Mestre Guilherme d'Hersilly.

RAINHA.

Fazei-o entrar. (*parte o pagem.*) Adeos, senhor Duque; logo parto, e conto que vós me acompanhareis até Vincennes. (*O Duque beija a mão da Rainha, e retira-se pela porta por onde entrára.*)

SCENA 4.^a

A RAINHA E O MEDICO.

RAINHA.

Bons dias, Doutor. Como vai o nosso augusto doente?

MEDICO.

Agora, anda Sua Alteza no parque, acompanhado dos seus guardas. Achei conveniente que respirasse por algum tempo o ar livre.....

RAINHA (*interrompendo-o*)

Já sabereis das modificações que fiz no vosso novo regimen.

MEDICO (*inclinando-se*)

Já sei, senhora.

RAINHA.

Eu não podia, sem grave risco da minha pessoa,

expôr-me, como muito desejava, a ser eu mesma que velasse ao pé do Rei. Bem vêdes que a sua molestia, lhe dá accessos terriveis de furor, e que n'esse estado a ninguem reconhece. Comtudo não me descuidei um instante em supprir esta falta, para que o tractamento de Sua Alteza, seja d'ora em diante, exercido por meios suaves e de persuasão, como vós sabiamente ordenasteis, e eu approvo. Breve deve chegar a pessoa que ha-de substituir-me; da qual a Abbadessa da Trindade vos terá fallado (*o medico inclina-se*) e então dareis ordem para que a camera de Sua Alteza lhe seja franqueada.

MEDICO.

Não é conveniente, que o Rei tenha a menor recordação das pessoas por quem tem sido tractado até agora, nem do lugar aonde viveu com ellas encerrado; por isso, não sendo do desagrado de Vossa Alteza, será esta d'ora em diante a sua camera.

RAINHA (*levantando-se*)

Fazei como julgardes acertado, Doutor, e dai as vossas ordens para que tudo se faça como entenderdes. (*Retira-se.*)

SCENA 5.^a

O MEDICO E LOGO UM PAGEM.

PAGEM.

A pessoa que vós esperaveis, está aqui, senhor.

(Retira-se.)

MEDICO *(indo á porta)*

Entrai, entrai para esta sala.

SCENA 6.^a

O MEDICO E ODETTE.

MEDICO *(com doçura)*

Sois vós que vindes da parte da Madre Abbadesa da Trindade, minha filha?

ODETTE.

Sim, senhor. *(á parte)* Nascida tão distante do throno, parece que o mau destino me impelle sempre contra elle, como a onda impelle a fragil barca contra o rochedo!

MEDICO.

O Rei pouco poderá tardar. *(indicando uma porta)* Alli é o quarto de cama de S. Alteza, ainda

que lhe seja quasi inutil, porque elle tem uma decidida repugnancia a deitar-se. Não insteis com elle para que o faça. Não..... Eu tinha um cento de recommendações a fazer-vos; mas a vossa physionomia revela tanta intelligencia, tanta bondade, tanta resignação, que mais nada vos direi. (*ouvem-se gritos, como d'alguem que está possuido de terror; logo depois vozes de mais pessoas*) Eis-ahi o Rei. Tende coragem e paciencia, minha filha. (*indo á porta do fundo diz para fóra*) Para aqui! para aqui! Conduzi-o para aqui. (*ouvem-se gritos muito perto*) Deixai o Rei! deixai-o libre!

SCENA 7.^a

OS MESMOS E O REI.

MEDICO.

Coragem e paciencia, minha filha! (*retira-se.*)

SCENA 8.^a

O REI E ODETTE.

(*Carlos 6.º entra precipitadamente, cheio de terror, o' rosto descomposto, e gritando = soccorro! soccorro!*)

— O medico apenas elle entra, sahe e fecha a porta. Odette, apesar da sua corajosa resignação, busca subtrahir-se ao primeiro encontro do Rei furioso, e vai esconder-se por detraz d'um reposteiro. Carlos entrando, corre toda a sala, como quem busca alguma cousa, e gritando = A minha espada! Uma espada! = Não encontrando nada com que se defender, volta cautelosamente e com muito medo, á porta por onde entrára — examina se está fechada, e vendo que sim, fica mais tranquillo, exclamando com satisfação = Ah! . . . = Olha com attenção em torno de si, e depois avança nas pontas dos pés, como para não ser ouvido, e busca algum objecto com que trancar a porta para mais segurança — encosta-lhe alguns moveis, como cadeiras, mesas, &c. Feito isto, dá uma grande gargalhada. Depois deixando cahir os braços ao longo do corpo, a cabeça inclinada sobre o peito, vem triste e vagarosamente sentar-se no sofá, sem dar pela presença de Odette, que ainda se conserva no seu escondrijo. Carlos cheio de fadiga, dá alguns gemidos surdos e dolorosos. Logo começa a tremer com todo o corpo, e a bater os dentes, como quem tem muito frio, dizendo = Frio! . . . frio! . . . = Odette então sahe do sitio aonde tem estado escondida, dirige-se para o Rei, e lhe diz timidamente)

ODETTE.

Que poderei eu fazer em vosso serviço, meu senhor?

REI (*voltando vagarosamente a cabeça, e fixando Odette com um olhar triste e doce*)

Carlos tem frio... frio... muito frio...

ODETTE (*apalpando-lhe as mãos, corre ao quarto e traz um cobertor em que embrulha os pés do Rei. Carlos achando-se assim melhor, ri-se como uma criança*)

E porque tem o Rei tanto frio?

CARLOS (*espantado*)

Que Rei?

ODETTE.

O Rei Carlos?

REI (*abstracto*)

Ah! Carlos.....

ODETTE.

Sim, porque tem Carlos tanto frio?

REI (*com receio*)

Porque Carlos tem medo!...

ODETTE.

Mêdo? E como pôde Carlos ter mêdo, sendo um Rei tão bravo, e tão poderoso?

REI.

Carlos é poderoso e bravo, e não tem mêdo dos homens; (*abaixando mais a voz*) mas... tem mêdo do cão negro!... (*Odette, a estas palavras, ditas com muito terror, olha maquinalmente em volta de si*) Não, não; elle ainda não entrou! Entra só quando eu me deito!... Eis-ahi porque eu não quero deitar-me! Não quero!.. Não quero!... mas... Carlos tem frio.... frio....

ODETTE (*sentando-se a seus pés, e tomando-lhe ambas as mãos*)

É então muito mau o cão negro?

REI.

Não, não. Mas sahe do rio, e vem todo gelado!

ODETTE.

E elle perseguio Carlos, esta manhã?

REI.

Carlos sahio, porque ardia, e precisava d'ar. Desceu a um bello jardim, aondè haviam muitas flores; e Carlos estava muito contente!... Carlos, ca-

minhava sempre sobre uma verde relva, e andou tanto, tanto.... até que se cançou. Então, vio uma arvore carregada de pomos d'ouro, e folhas de esmeraldas, e deitou-se debaixo d'ella olhando para o ceo, que.... estava todo azul, e cheio de estrellas de diamantes! Carlos.... contemplou-o por muito tempo, oh!.... era um bello espectaculo! De repente, ouviu uivar o cão! mas ainda ao longe.... muito ao longe.... Então o ceo tornou-se negro, as estrellas tornaram-se vermelhas! Os fructos da arvore balançavam-se como se fossem sacudidos pelo vento! produzindo de cada vez que se chocavam, o mesmo estridor que faz a lança, batendo sobre o aço d'uma coiraça! De repente, nasceram a cada um d'estes bellos fructos, duas grandes azas de morcêgo, que logo começaram a agitar-se vagarosamente!... E depois, nasceram-lhe uns olhos, um nariz, e uma bôca, semelhantes aos d'uma caveira!... O cão uivou de novo, mas mais perto, muito mais perto!... A arvore tremeu até á raiz! as azas agitaram-se com força! as cabeças lançaram gritos! as folhas cobriram-se de suor, cujas gôtas cahiam frias.... frias.... sobre Carlos! Então Carlos quiz levantar-se e fugir;

mas o cão uivou pela terceira vez! mesmo ao pé d'elle! Carlos sentio que elle se lhe deitava aos pés, e que lhe hia subindo lentamente até ao peito! Pensava.... como uma montanha!... quiz então repelli-lo com as mãos, e elle lambeu-lh'as com uma lingua de gèlo!!... Oh! frio!... frio!... Carlos tem frio...

ODETTE.

Mas se Carlos se deitasse.... talvez Carlos tivesse mais calor.

REI (*com terror*)

Não, não! Carlos não quer deitar-se! Não quer! não quer! Apenas Carlos se deita, entra o cão negro, gira em torno do seu leito, levanta a coberta, e vem aninhar-se a seus pés! e Carlos!... oh! antes quizera morrer! (*faz um movimento de horror*) Comtudo.... Carlos.... desejava bem dormir....

ODETTE.

Pois Carlos dormirá; aqui, sobre o meu peito. (*senta-se sobre o sofá, e encosta a cabeça do Rei sobre o peito*) Carlos está bem assim?

CARLOS (*com satisfação e fadiga*)

Oh sim.... Carlos.... está bem.... bem, bem. (*quasi adormecido*).

ODETTE.

Agora Carlos póde dormir tranquillo, que Odette velará a seu lado, para que o cão negro não entre.

REI (*com um sorriso idiota*)

Odette.... (*adormece, proferindo algumas palavras inintelligiveis.*)

(*Abre-se uma porta lateral, muito de vagar, e apparece a cabeça do medico espreitando. Depois entra cautelosamente, avançando nas pontas dos pés até onde está o Rei — toma-lhe o pulso, chega-lhe o ouvido ao peito, escuta-lhe a respiração, e depois diz com semblante alegre*)

SCENA 9.^a

OS MESMOS E O MEDICO.

MEDICO.

O Rei dorme tão bem, como dormia no seu melhor estado de saude! Deos vos abençõe, donzella, que fizesteis um milagre!

(*Desce o panno.*)

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO QUARTO.

SCENA 1.^a

O REI E JACQUEMIN.

(Jacquemin está sentado a uma mesa ao lado do Rei, explicando-lhe as diversas allegorias das cartas de jogar, que ha pouco tinha inventado, e que agora lhe trouxera para o distrahir. O Rei está entretido, e com o maior interesse ouve as explicações do pintor.)

REI.

FORMOSA allegoria, mestre. E esta? a esta que nome e significação lhe daes?

JACQUEMIN.

Esta é o az, senhor. O az deve ter a primazia sobre todas as outras cartas; até sobre os reis; porque o seu nome é derivado d'uma palavra latina, que significa dinheiro; e é bem sabido que o dinheiro é

o nervo da guerra. Eis-ahi a razão porque um rei, quando não esteja acompanhado do az, se considera tão fraco, que até póde ser vencido por um valete que o esteja.

REI (*com interesse*)

Verdade é. Continuai, continuai.

JACQUEMIN (*mostrando os reis*)

Estes são os reis; e chamam-se, o de espadas, David; o de copas, Carlos-Magno; o de ouros, Cesar; e o de paus, Alexandre. Estes nomes indicam, que ainda nos exercitos mais numerosos, é mister para que estejam bem seguros da victória, pôr á sua frente chefes prudentes, corajosos, e experimentados. (*mostra os valetes*) E como a grandes generaes são precisos valentes capitães, lhes escolheram os ousados Lancelot, e Ogier, entre os antigos pares de Carlos-Magno; e Reynaldo e Heitor entre os modernos. Estes são os Valetes ou Escudeiros, e tem debaixo das suas immediatas ordens, os dez, nove, oitos, setes, &c., que são considerados como soldados e vassallos.

REI.

Engenhosa composição, por certo! Voltareis a

vêr-nos, e trareis as vossas cartas para nos ensinardes o seu uso. (*tirando um anel*) Tomai, Jacquemin, recebei como uma lembrança nossa, pelo muito que nos entreteve e distrahiu a vossa engenhosa obra. Adeos, mestre, adeos. (*o Rei levanta-se; Jacquemin beija-lhe a mão, e então o Rei diz com ar alegre*) Ah! é verdade que já somos Rei. Dois mezes d'essa terrível molestia, nos tinham feito esquecer até estes usos da realza.

(*Jacquemin retira-se, cortejando-o respeitoso.*)

SCENA 2.^a

O REI só.

E se já sou Rei a ella o devo! Se esta pobre cabeça, póde outra vez sustentar o péso d'uma corôa, foi aquelle anjo do ceo, que lhe tornou o vigor e a razão. Tomára eu que ella viesse. Ha uns instantes que está com a Abbadessa da Trindade, e já me parece um seculo de ausencia! Já me parece.... que a cabeça.... (*com alegria*) Ah! mas ella ahi vem! Ella ahi vem! Odette, Odette, não me deixes mais só!

SCENA 3.^a

O REI E ODETTE.

(Odette aproxima-se do Rei com os olhos cheios de lagrimas, e ajoelha-se. Carlos olha-a com receio — estende-lhe as mãos com bondade, e levantando-a diz)

REI.

Odette, porque choras tu, meu anjo?

ODETTE.

Eu choro, meu senhor, porque me é preciso deixar-vos.

REI *(admirado)*

Deixares-me!? Tu, Odette? E porque, minha filha?

ODETTE.

Porque vós já não careceis de mim, senhor.

REI *(com tristeza)*

E tu receias, pêsá-te ficar um dia mais ao pé do pobre insensato? Sim, é verdade, eu já roubei bastantes dias á tua bella e alegre vida, para os escurecer com a sombra dos meus. Já roubei bastantes flores á tua mimosa corôa, para as murchar com as minhas mãos ardentes e ressequidas. Estás

cançada da reclusão em que vives, e o prazer te chama.... Vai.... vai.... (*senta-se e deixa cair a cabeça entre as mãos.*)

ODETTE.

Senhor, é a Superiora da Trindade que me vem buscar. É o Convento que me reclama.

REI (*levantando-se vivamente*)

Não és tu pois que me queres deixar, Odette?

ODETTE.

Eu me julgaria feliz, consagrando-vos a minha existencia até ao seu ultimo dia.

REI.

Então quem te afasta de mim?

ODETTE (*com timidez*)

A Rainha, creio eu. E depois... vossos thios de Berry e de Borgonha....

REI (*com sorriso ironico*)

A Rainha, e meus thios de Berry e de Borgonha!... Elles que me abandonaram nos dias da minha fraqueza, querem voltar ao meu lado nos dias da minha força! Odette, não és tu que me queres deixar, não é assim?

ODETTE.

Eu não tenho outra vontade mais, que a do meu Rei e senhor. Aquillo que elle ordenar, eu o cumprirei.

REI.

Pois bem, o teu Rei ordena-te que fiques! Esta casa não é pois uma prisão para ti, querida filha? Os cuidados que me prodigalisas, não são sómente os da piedade? Oh! se assim é, Odette, eu serei feliz! Olha-me, olha-me outra vez! outra vez! não te escondas assim!

ODETTE.

Senhor, senhor, vós me fazeis morrer de vergonha!

REI (*tomando-lhe as mãos*)

Odette, sabes tu que me habituei a vêr-te, á noite quando adormeço, dormindo quando sonho, e de manhã quando abro os olhos? Sabes que és o anjo da guarda da minha razão? Que foste tu, que com tua vara magica, expulsaste os demonios que uivavam em torno de mim? Meus dias, tu os tornaste puros; minhas noites, tu as fizestes tranquillias! Odette, sabes que a gratidão é um bem fraco

sentimento para semelhantes benefícios? Odette, sabes tu que eu te amo?!

ODETTE (*tremula e afflicta*)

Ah! senhor, senhor! que me dizeis vós?!

REI.

Digo-te que tu desde agora, és necessaria á minha vida! Não fui eu que te procurei, não é assim? Eu ignorava que tu existisses. Foste tu, alma d'anjo, que adivinhaste que alguém soffria aqui, e que vieste. Eu te devo tudo, tudo! pois que te devo a minha razão, e que a minha razão é o meu poder, a minha força, a minha realza e o meu imperio! Vai, vai e me deixarás tão pobre e tão nú, como me encontraste, porque a minha razão irá contigo! Oh!... eu o sinto!... Só com a idéa de te perder!... ella fluctuá já n'uma escuridão!.... (*leva as mãos á cabeça*) Oh meu Deos, meu Deos! tornarei eu a enlouquecer!! Meu Deos, Senhor! tende piedade de mim!

ODETTE (*precipitando-se para o Rei*)

Ah senhor, senhor! não falleis d'essa maneira!
(*o Rei olha-a com vista espantada*) Senhor, não me olheis assim! Meu Deos! meu Deos! (*muito afflicta*)

REI (*tremendo*)

Frio!... tenho frio!...

ODETTE (*lançando-se nos braços do Rei e apertando-o contra o peito*)

Senhor! senhor!

REI (*repellindo-a*)

Afasta-te.... Afasta-te....

ODETTE (*sem o attender*)

Não, não! vós não tornareis a enlouquecer!
Não! Deos tomará o meu sangue, Deos tomará os meus dias, e vos deixará a vossa razão! Eu ficarei aqui, ao pé de vós; não vos deixarei nem um instante! Estarei sempre aqui! sempre aqui!

REI.

Assim? nos meus braços?

ODETTE.

Sim, senhor, nos vossos braços.

REI.

E tu amas-me?

ODETTE (*afflicta*)

Eu! eu! Oh! eu não devo! Eu não posso!

REI (*repellindo-a e levando
as mãos á frente*)

Ah! desgraçado!

ODETTE (*afflicta*)

Senhor, senhor!

REI.

Odette! e tu amas-me?

ODETTE.

Senhor!... meu Rei!...

REI.

Mas dize, Odette, dize, tu amas-me?

ODETTE (*á parte*)

Oh meu pae!... (*alto*) Sim.... sim, eu.... vos
amo!

REI (*com ineffavel contentamento
apertando-a contra o peito*)

Ah!....

SCENA 4.^a

OS. MESMOS E O MEDICO.

MEDICO (*que entra correndo*)

Senhor, senhor, a Rainha!

REI.

Ah! pois já não receia encontrar-se com o pobre

louco? Disseram-lhe que a razão lhe tinha voltado, e então ella se arrisca a aproximar-se do antro do leão. Á maravilha!... Fazei entrar Madama Isabel de Baviera, para a sala immediata. (*o medico retira-se*) Que tens tu, Odette?

ODETTE (*limpando as lagrimas*)

Nada, senhor.

REI (*beijando-a na testa, e pondo-lhe a mão na face*)

Louca..... (*retira-se.*)

SCENA 5.^a

ODETTE E LOGO O DUQUE D'ORLEANS.

(*Odette vai sentar-se, e fica pensativa e triste com a fronte encostada sobre a mão.*)

ODETTE (*vendo o Duque que se tem aproximado d'ella, e que sem Odette ter dado pela sua presença, a contempla*)

Sua Alteza o Duque d'Orleans!!

DUQUE (*com surpresa*)

Odette!! (*com ironia*) Ah! sois vós, senhora, que fazeis taes milagres! Eu sabia que ereis uma

poderosa feiticeira ; sabia que podieis tirar a razão, mas ignorava que a podesseis restituir !

ODETTE.

Ah ! meu Deos !

DUQUE (*o mesmo*)

Agora comprehendendo essa virtude severa e forte. Alguma Bohemia vos predisse que algum dia serieis Rainha de França, e por isso o amor do primeiro principe de sangue, vos não satisfazia.

ODETTE (*com dignidade*)

Senhor Duque, quando eu vim para o lado do Rei meu senhor, vim como uma victima que se sacrifica, e não como uma cortezã que busca fortuna ! Póde ser, que se tivesse encontrado ao pé d'elle algum principe de sangue, a sua presença me tivesse sido bem util ! Mas eu não vi mais que um desgraçado, que não tinha outra corôa na cabeça, senão uma corôa de espinhos ! Um ente abandonado de Deos, privado da razão, e do instincto, não tendo mesmo o que a natureza deu ao ultimo dos animaes, o instincto da conservação ! Este homem, este infeliz, era na vespera um Rei joven, bello e poderoso ! e no espaço d'uma noite, tinha envelhecido trinta an-

nos! Entre dois sóes, sua testa se tinha enrugado como a d'um velho! e de todo o seu poder, nem mesmo lhe restava o desejo de ser poderoso! Então eu, vendo esta mocidade envelhecida; esta belleza mirrada, este poder desfallecido, deixei-me prender d'uma grande compaixão por um tamanho desgraçado! A' realza, sem throno, sem sceptro, sem corôa; a antiga e sagrada realza, tremia sobre os joelhos! implorava misericordia, e ninguém lhe respondia! chorava, e não havia uma mão que lhe estancasse as lagrimas! Oh! eu senti então que era predestinada, e que Deos me reservava para uma grande e sublime missão! Que haviam aqui posições, tão estranhamente fóra dos calculos ordinarios da vida, que as conveniencias habituaes da sociedade, se extinguíam diante d'ellas; que a palavra virtude, era n'este caso um punhal com que se acabaria de matar um moribundo! e que valia mais perder uma alma e salvar uma vida, quando esta alma não era senão de uma mulher obscura, e esta vida a de um poderoso Rei. E então forçoso me foi...

DUQUE.

O que, Odette?!

ODETTE.

Ceder, senhor.

DUQUE.

Ah! Carlos, Carlos! Odette, vós sois uma mulher extraordinaria, e sereis um anjo do ceo, se o que dizeis é verdade. Oh! eu quero acreditar-o! Perdão de vos ter antes offendido; mas é que eu amava-vos tanto!....

ODETTE.

E eu, senhor?!... Ah! se vós tivessesis sido o desgraçado!....

DUQUE.

Ahi vem o Rei!

SCENA 6.ª

OS MESMOS, O REI E O MEDICO, A CORTE, &c.

MEDICO.

Senhor Duque d'Orleans, graças a Deos, eis-aqui o Rei em boa saude. Eu vo-lo restituo e entrego; mas d'aqui em diante, que se guardem de o desgostar, ou de o occuparem de mais com os negocios do Estado; e sobretudo (*designando Odette*) não o sepa-

reis nunca do seu bom genio. Em quanto elle a tiver junto de si, eu respondo por tudo.

DUQUE.

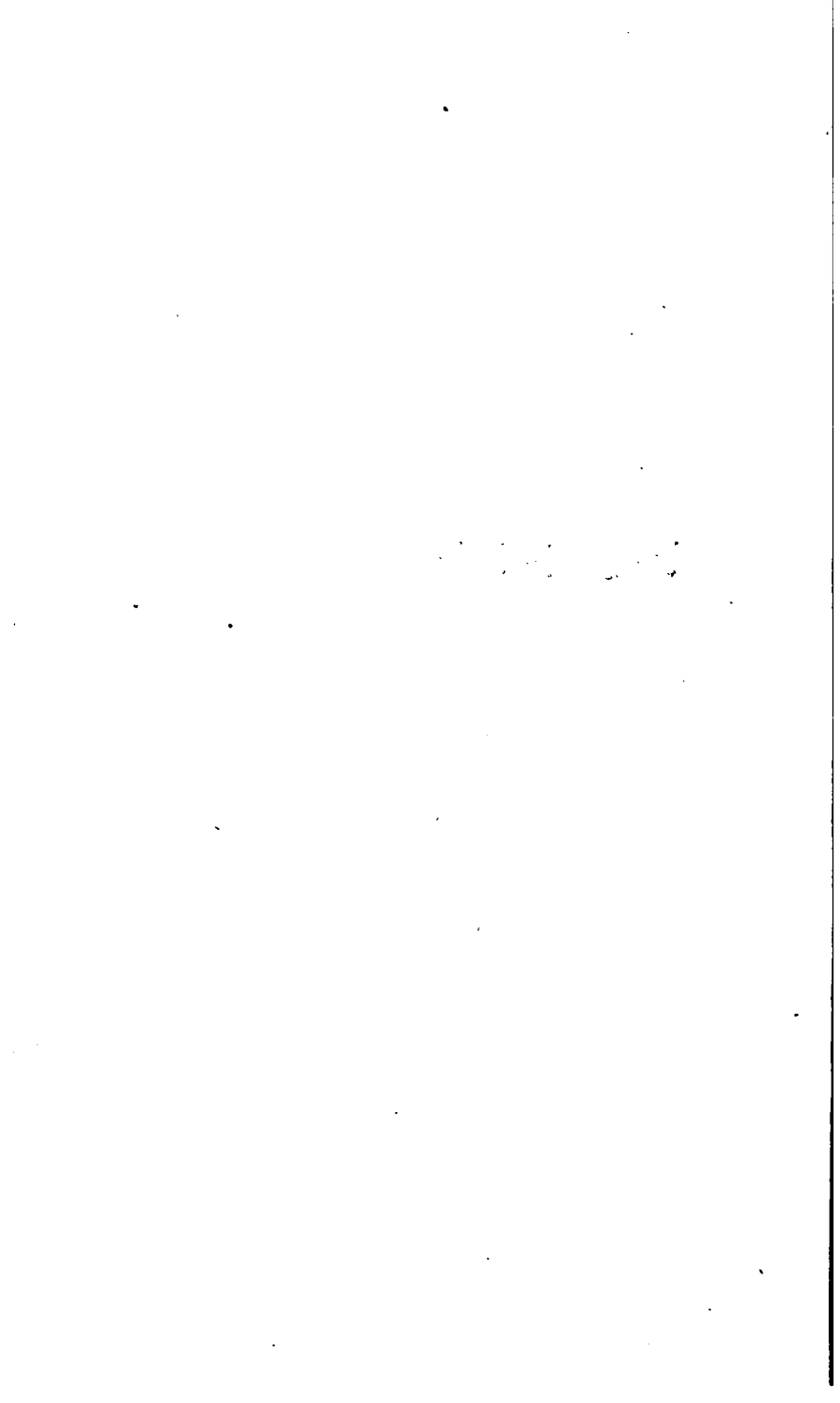
Mestre Guilherme, a vossa recompensa respeita aos Senhores de Berry e de Borgonha, e eu espero que elles vo-la darão rica e bella. Em todo o caso; se não ficardes satisfeito d'elles, vinde ter com Luiz d'Orleans, e vereis que elle não usurpou a reputação de magnifico. A vossa, Odette, pertence a Deos e ao Rei de França.

REI.

E será digna d'elle!

FIM.

POESIAS.



O POBRE NEGRO.

(Imitado de Millevoye).

As praias de Guiné
Roubado outr'ora,
Chorava agora,
O pobre escravo:
Com seus soluços
O peito arfava,
E de gemidos,
Tão compungidos,
Estas palavras
Acompanhava.

Que mal vos fiz, ó meu Deos,
P'ra sorffer tamanha dôr?
Não sou tambem vosso filho?
Não sou vossa creatura?
Será crime por ventura
Esta minha negra côr?

Como o branco que me opprime,
Não nasci p'ra ser ditoso?
Eu amava a minha Nélzi,
Seu olhar, sua ternura,
A sua meiga candura,
Me tornavam venturoso.

Amava meu caro filho,
Dôce fructo d'este amor!...
Respiras tu, filho amado?
Inda vives p'ra confôrto
D'essa tua pobre mãe,
P'ra lenitivo da dôr?

Não tornarei a embalar-te
No teu berço, filho querido!...

Nem a sorrir-te, a beijar-te,
Nem a espremer-te nos labios,
Da frondosa laranjeira,
O teu fructo appetecido!...

A surprehender o leão
Quem t'ha-de agora ensinar?
Como has-de tu domar
A serpente venenosa?
Como has-de tu saber
Nos abysmos mergulhar?

Não verei mais as palmeiras
Que para ti só plantei!
Nem aquella sombra amada,
Onde a minha dôce Nélzi,
N'uma hora abençoada,
Nos meus braços apertei!

Não verei mais a cabana
Que meu velho pae me deu!
Nem o regato da rocha,
Onde a minha pobre mãe

De somno eterno, em meus braços
Para sempre adormeceu!

Uma tarde, a esta hora,
Eu repousava tranquillo —
Dôces sonhos m'embalavam,
Leves auras me cercavam,
E dormia socegado,
Sem temor do crocodillo.

Mas outras feras mais cruas
Me vieram assaltar!
De brancos riço, tropel,
Com zombaria e com mefa,
Do meu somno socegado
Me vieram acordar.

Não ouviram minhas queixas,
Das minhas lagrimas riram!
Os tyrannos me cercaram,
Seu escravo me fizeram,
Com duras ferreas cadeias
Meus livres pulsos cingiram.

Resisti, mas minha audácia
Em breve foi abatida!
Da ferrea verga tres golpes,
Sobre a minha negra fronte
Fez cahir a mão tyranica
Do feroz branco homicida!

Invoquei a tempestade:
Cheio d'ira e d'amargura!
Duas lagrimas ardentes,
Para Nélzi e p'ra meu filho,
Senti então a descerem
Pela minha face escura.



Em quanto o triste,
Sua canção,
D'escravidão,
Assim cantava;
Baixel negreiro,
Veloz e arteiro

Outro infeliz,
Do seu paiz,
N'aquella costa,
Desembarcava.
Zabbí o chama,
E abraçando-o,
Assim lhe diz:
« Da minha Nélzi
« Que novas ha? »
Calou-se o outro,
Mostrou-lhe o ceo.
« Bem sei, irmão!... »
« E de meu filho?
= Tambem é lá. =
« Graças, Senhor!.... »
E a alegria,
Que ha tanto tempo,
Na negra face
Não apparecia;
Toda radiante,
N'aquelle instante,
No tórvo olhar
Resplandecia.

E tres dias com tres noites
Não tomou mais alimento;
Suor frio e copioso,
Que da fronte lhe corria,
Sob um ceo abrazador,
Inundava o pavimento.

No quarto dia, o senhor
Com ferrea vara appareceu.
« A pé, escravo! — Não quero —
« A pé, escravo! — Sou livre..... —
Disse já com voz sumida,
E p'ra sempre adormeceu.

Porto — 1850.



Apraz-me a rega do milho,
Gósto de vê-lo segar;
E da malha do centeio,
D'arrigada do linhar.

Gósto d'ouvir o zagal
Na viola a descantar,
Amo a *chula*, a *ramaldeira*,
A canna verde no mar.

S. Jorge — Julho de 1850.



A MORTE DE CARLOS ALBERTO.

A M. de Launay.

PONDE as bandeiras de lucto,
As armas em funeral,
Que tange o sino a finados
Nas torres da Cathedral.

Por El-Rei Carlos Alberto,
Que se finou n'este dia,
Em a mui leal cidade,
Que do Porto se dizia.

No seu Paço d'Entre-Quintas
O famoso Rei jazia,
Em ricas vestes envolto,
Como a tal senhor cumpria.

Em tórno do seu cadaver
Trezentas tochas ardiam,
Muitos padres e prelados
Os responsos lhe diziam.

E em dois ricos altares
Que na camera ardente estavam,
Por alma do Rei finado,
Contínuas missas rezavam.

Na ordem de S. Mauricio,
De Gran-Mestre está vestido,
Ricas vestes de setim,
De rubra côr, mui luzido.

Branco gôrro de velludo,
A augusta fronte cingia,
Ornado todo d'arminhos,
De custosa pedraria.

A espada tão valente
Já não orna a regia mão;
Contra o peito aperta agora
O signal da Redempção.

Junto aos pés do Rei finado
O fiel ministro estava,
Amargo pranto de dôr
A nobre face inundava.

Era bello aquelle pranto,
Que dos olhos lhe corria;
Era nobre aquella dôr,
Que por tal senhor havia.

Ao vêr o regio cadaver
Que sem vida alli jazia,
Estas tão tristes palavras
Como para si dizia:

« Olhos que tanto velastes.
« Pela minha Italia amada!
« Como estaes assim cerrados
« N'esta hora amargurada!

« Nobre bôca que incitavas
« O teu povo sempre á gloria!
« Estás muda, já não bradas
« A cem mil bravos = victoria! =

« A mão forte, que no campo
« A regia espada brandia,
« Ei-la ahi pallida agora,
« Sem vigor, mirrada e fria!

« Tens aos pés a nobre espada,
« Que tão ousado brandiste!
« Aurea corôa de monarcha,
« Que por tuas mãos despiste!

« Ai! de grandezas tamanhas,
« De tão brilhante esplendor,
« Só resta agora o cadáver
« Do meu Rei e meu senhor!»

E com tão tristes palavras,
Como estas que dizia,
O leal e nobre peito,
De magoas se lhe partia.

Bem hajam taes sentimentos,
Bem haja tal coração,
Bem haja alma tão nobre,
Tão leal dedicação.

A REVISTA NOCTURNA.

(Imitação).



MEIA noite, o tambor
Da campá se ergue e sáe,
Para a revista nocturna,
Os mortos chamando vae.

As mãos séccas descarnadas,
As baquetas agitando,
Vivo rufo d'alvorada,
Pelos plainos vão tocando.

Que estranho som de tambor!!...
Como elle vibra tão forte!
Té os bravos que morreram
Vae despertando da morte.

Os que jazem pela Russia
Sob o gèlo sepultados,
Vão erguendo a custo os membros
Duas vezes congelados.

Outros na Italia, sacodem
O fino pó que os cobria;
Erguem-se altivos ao grito,
Do rude som que estrugia.

Outros das margens do Nilo,
Vem á chamada acudindo;
Outros dos plainos d'Arabia,
Dos sepulchros vão sahindo.

Ao deixar a sepultura
Todos empunham a lança;
Vão p'ra revista nocturna,
Que passa o Cezar da França.

*

É meia noite, o clarim
Da campá se ergue e sáe,
Monta a cavallo, e soando,
P'r'a grande revista vae.

Em seus aereos cavallos,
Vem chegando os cavalleiros,
Todos cobertos de feridas,
De nobres loiros guerreiros.

Suas fauces descarnadas,
Sob os cascos se sorriam,
As mãos sêccas e mirradas,
A fera espada brandiam.

*

É meia noite, da campá
O Cezar se ergue e sáe,
Sobre o seu branco corcel,
Dos chefes seguido vae.

Traja pequeno chapeo ,
Vestido simples, sem gala,
Pequena espada pendente,
As mais famosas iguala.

A lua pallida e triste,
A planicie inteira alcança,
O **HOMEM** do chapeo breve
Para os seus nobre se avança.

Toda a linha dos finados
Faz continencia real,
Desfilam, armas ao hombro,
Perante a sombra immortal.

De cem bravos generaes
Se viu um circ'lo formar,
E ao mais visinho d'elles,
O Rei finado fallar.

As palavras vão de roda,
Circumdant em volta do Sena,
Era a senha = Gloria e França =
Contra-senha = Santa Helena. =

Estando hospedado em casa do meu particular
amigo A. D.

QUIZ cantar vossos louvores
Compôr-vos uma canção,
Era assumpto = gratidão =
Devida aos vossos favores.

Bati na testa, e scismeï,
P'ra dizer o que 'alma sente;
Revolvi na pobre mente,
Termos proprios não achei.

Os termos que eu buscava,
Sabia-os o coração;
Mas minha pobre razão
Ao coração se negava.

E já farto de lutar
Com minha mente cruel,
Larguei a penna e papel,
Puz-me de novo a scismar.

Decidi: subo ao Parnazo,
Vou a Musa consultar,
Seu auxilio procurar,
Em tão gravissimo caso.

Chego do Olympo ao portão,
« Truz, truz, truz! » Diga quem é?
« Um poeta que se vê,
« Em mui cruel afflicção.

« Que se mata sem achar
« Termos para agradecer
« Uns favores que está a dever,
« E que não póde pagar!

« Como sois Deosa, sabeis
« Os favores de que vos fallo,
« Por isso o resto vos calo,
« Valei-me vós que podeis. »

« Voltai, poeta, ide embora,
Me disse a Deosa confusa,
« Que nem eu, e mais sou Musa,
« Vos posso valer agora.

« Os termos que vós buscaes,
« P'ra favores tão excessivos,
« Não os tem os meus archivros,
« Com que canta-los possaes.»

Porto — 1846.



A minha sobrinha

No dia da sua primeira communhão.

HA um dia, Corinna, que o christão
Nunca pôde esquecer.
Trasborde a taça de mel, ou d'absyntho,
Os castos raios seus, a nossa alma
Sempre vem aquecer.

Se o pêso do revéz nos faz pender
A fronte amargurada,
Elle passa por nós, branco e ligeiro,
Tão candido, tão puro, e tão saudavel
Como a pomba nevada.

O seu radioso sol dissipa as sombras

Da dôr e do penar;

E se dourou da infancia a tenra idade,

Seu vivo resplendor nos vai ainda,

A velhice doirar.

Este dia, suave de perfumes,

Na tua infancia raiou;

E o Senhor que vio tua innocencia,

Um logar no banquete sacrosanto,

Para ti reservou.

De mãos postas, contrita te chegaste;

Com um santo fervor;

Tremendo de respeito e d'alegria,

No solemne banquete ajoelhaste,

Diante do Senhor.

Os teus candidos beijos já tocaram

O manná immortal;

Da arvore da cruz os santos ramos,

Já cingem de Corinna a peccadora,

A fronte virginal.

N'este dia tão limpido, e tão bello,

Norte do teu destino,

Prostrada ante o Santo Crucifixo,

Falla-lhe, como se viras ante ti,

O seu rosto divino.

E dize-lhe: Ó meu Deus, a minha vida

Está inda na aurora!

Nenhum cypreste a escurece ainda,

Nenhum crime sobre ella pesa,

Meu Senhor, até agora.

Estranha ás penas que o coração laceram,

Não conheci a dor;

Por isso, não é por mim que eu te peço,

Não é p'ra mim que eu agora imploro.

A tua graça, Senhor.

Dois anjos, duas mães tão extremosas,

Me desviam do mal.

É por ellas que eu agora rogo,

É p'ra ellas que eu agora quero,

A tua graça eternal.

Só por ellas, que meu coração contrito,
Invoca o teu amor.

P'ra que sejas com ambas bem clemente,
Que dilates a sua santa vida,
Meu Deos, em meu favor!

Encaminha-as, Senhor, com tua mão,
N'este valle de tristura;
E faz que aos seus conselhos eu submissa,
Não escureça a calma de seus dias,
Com horas d'amargura.

Porto, 21 d'Abril de 1850.



O SUICÍDIO DO POETA.

MANCEBO, que tanto amaste,
Já se acabou teu amor!
Já lá se vão teus pesares,
Já se acabou tua dôr!

Oh que dôr que não sentiste,
N'esse instante amargurado,
Quando todo angustiado,
Calaste a magoa e fugiste!!
Fugiste para morrer!
Para nunca mais a vér!

Foi nobre o teu sentimento,
Foi d'alma tão bem querer!
Foi bello o ar ao pé d'ella,
Ouvi-la só te morrer!

Eu respeito as tuas dôres,
Respeito os teus dissabores,
Mas, mancebo, os teus amores,
P'ra que os matastes assim?
Era açucena tão casta,
Que tão candida se erguia,
Que tão linda te sorria,
Sem pensar que o seu amor
Ia ter tão breve fim!



Alma angelica! quem pôde
Sondar os teus soffrimentos?!
Quem ha-de ir ao pé da campa
Perguntar-te os teus tormentos?

Estoicos, almas sem vida;
Respeitai seu santo amor!
Curvai-vos todos submissos
Ante aquella immensa dor!

Poetas, chorai-o vós,
Chorai-o vós que sabeis;
Cantai aquellas saudades,
Vós que o amor entendeis!



AOS SANTOS MARTYRES DE MARRUCOS

No dia da sua festa—offerecido ao meu amigo e seu piedoso
devoto o Ill.^{mo} Snr. M. R. d'A.

COM uma placida e angelica alegria,
Ante o fero verdugo manietados,
Estão os Santos Martyres votados,
Do Mauro alfange á crua tyrannia.

Cruel Miramolim! tua ousadia
Não venceu os angelicos soldados!
Bradaste-lhe = Alcorão =, e denodados,
Responderam-te = Christo e Eucharistia =!

Sobre os Santos fieis a espada irosa,
Em teu cego furor então alçaste,
E na morte lhe dás vida formosa.

Porque na falsa crença t'enganaste,
Julgando que lhẽ dás morte affrontosa,
Cinco c'róas no ceo lhes alcançaste.

No aniversário do casamento dos Ex.^{mas} Srs.
Viscondes de Castro.

QUANDO d'hymenéo os laços se apertaram
Para unir vossas almas virtuosas,
Os anjos do Senhor, jasmims e rosas,
No caminho da vida vos lançaram:

Os corações aos lábios vos mandaram
Essas santas palavras venturosas;
Sob as naves augustas, magestosas,
Os votos sacrosantos resoaram!

E nem um' hora sequer são deslembrados!
Amaes-vos um ao outro, aos filhos queridos,
Sois o typo fiel dos Bem-casados.

Nossos votos leaes serão cumpriados,
Se á ventura vos virmos tão ligados,
Como agora em amor estaes unidos.

A S. M. A RAINHA

Na occasião da sua vinda ao Porto em 1852.

BEM vinda, ó Fidelissima Rainha;

Á inclita cidade!

Bem vinda sejas tu, que os nossos muros,

E os amigos do Heroe assim honraste

Com tua Magestade!

Da gloria de teu Pae o campo immenso

Aos filhos vens mostrar!

As Antas, o Covéllo, e o Pastalleiro,

O Crasto, e o baluarte inconquistavel.

Da Serra do Pilar!

Verás o coração dos dignos Netos
D'orgulhoso bater,
Quando os dois Generaes do Augusto Avô
Lhes mostrarem os sitios onde elle era
Primeiro a combater!

Aqui verás, que o amor dos Portuenses
É sem quebra e leal!
Ouvirás o clamor das vozes suas,
Exaltando a Rainha idolatrada
Do nobre Portugal!

Dilatai, Portuenses!, n'esses peitos
O forte coração!
Do nosso augusto amigo a excelsa filha,
Foi do solio real a nós trazida,
Por divino condão!

Acolhe, Rainha excelsa, o puro amor
D'este povo leal!
É garante da sua lealdade,
O Regio Coração do Augusto amigo,
Do Soldado immortal!

A SUA ALTEZA REAL, O SERENISSIMO SENHOR INFANTE

DUQUE DO PORTO;

Recitada pelo auctor na presença de Sua Alteza.

ODE.

VERGONTEA illustre! raminho esperançoso,
Que tão bello e tão nobre assim brotaste,
Do Tronco venerando!
Acolhe o preito d'amor dos Portuenses,
Vergontea illustre, raminho tão mimoso
De MARIA e FERNANDO!

Aqui, Senhor, no Teu Real Ducado,
Vieste receber as homenagens,

De um povo tão leal!

E a cidade do Porto, toda ufana,
O seu Augusto Duque em si recebe,

Como gloria immortal! -

Teu Escudo Ducal foi enramado,
Com os louros mais bellos que um Monarcha

Jámais colheu!

O Teu Augusto Avô, o Rei Soldado,

Para ornar os florões da Tua corôa,

Que perigos não correu!!

As glorias do Heroe, que a Fama immensa,
As quatro partes do mundo então levára,

Tu as sabes, Senhor —

Porque ao DUQUE DO PORTO estão ligados

Os fastos d'esta terra tão amada

Do Rei Libertador!

O Teu Excelso Avô d'aqui partindo,
Camaradas e amigos predilectos

A todos nos chamou!

E o pranto do Guerreiro audacioso,
Ao dizer o *adeus* aos seus amigos,

Nas faces lhe rojou!

O nosso amor por ELLE era um delirio!...

Que n'esta heroica terra que ELLE amára,

Nunca tem d'esquecer!

Magnifico foi o Heroe na paga!...

Legou o CORAÇÃO aos Portuenses,

Na hora do morrer!

A cidade do Porto agora jura

Ao seu Excelso Duque guardar firme,

Preito d'amor!

Que morrendo por Elle, apenas paga

A divida sagrada a PEDRO o GRANDE,

AO NOBRE IMPERADOR

CHARADA.

No album d'uma Senhora.


POR lograr vossos amores,
Quebraes adagas e lanças,
Soffreis zêlos, esquivanças,
Magoas, penas, dissabores,
Neja en, que taes ardores,
Nunca no peito senti,
Pois um dia em que me vi
D'uma dama requestado,
Fiquei todo atrapalhado,
Larguei a capa e fugi. — (2)

Subtil cambraia qu'encobre
Vosso collo de marfim,
Deve sempre ser assim,
Pois que tem mister tão nobre.
Assim é a pelle que cobre
Vosso rosto encantador;
Assim é a aguda dôr,
Que trespassa o coração,
Quando vê sem compaixão
Despresado o seu amor. — (2)

CONCEITO.

Usa-me agora,
Gentil senhora,
A quem adora,
O mundo todo.
A egregia esposa
Do heroe guerreiro,
Que o mundo inteiro,
Tanto assombrou,
Tambem me usou.

CHARADA.

 QUANDO uma joven rainha
Veio a França visitar,
Quiz com sua hospedaria,
Meus velhos muros honrar.

Mui cortez e de feição,
Meu senhor a recebeu,
O regio braço lhe deu,
O soberano castellão.

Mas de mim não passou,
Não foi a Pariz,
Que Pariz,
Não quiz.

Se te perguntarem,
O que isto diz;
Se te perguntarem,
Quem tal concebeu,
Diz-lhe que
Fui *eu*. — (1)

Em tal ponto collocado
Até o sol encobri;
Inda que após de mi,
Ha si, um mais elevado.
Isto é caso mui provado,
E até cantado,
Já está.
Se te perguntam aonde,
Diz-lhe tu que será *lá*. — (1)

Diz-lhe mais que não s'espante,
Pois ha caso mais notado,
Nos santos livros narrado,
D'um extremoso amante.

Um mancebo que servia
A meu pae sempre fiel,
Por lograr certa Rachel,
Que minha irmã se dizia.

Isto vem nos livros santos,
E se tu o queres saber,
Vai-os lér,
Como eu *lia*. — (2)

CONCEITO.

Eu morei em rua tal,
Cujo nome em mim se dá,
E nos meus tal sentimento,
Só a morte apagará.

Os meus paes são um modelo
D'esse nome, e d'honradez,
Meus irmãos são dous mancebos,
Como taes bem raro vés.

Uma acção que não fôr nobre,
Não se lhes nota na vida;
Que a nobreza de su'alma;
É por todos bem sabida.

Minha mãe com sua lyra,
Fará um tigre gemer;
É tão triste e tão sentida,
Como mais não póde ser.

A lyra de minha mãe,
Dá sempre um som de tristeza,
Mas tão justo e tão accorde,
Que não ha maior belleza.

E se não acreditaes,
N'isto que vos eu dizia,
Abri o seu bello livro,
E lêde n'elle,
Como *eu lá lia*.



CHABADA.

REI Porcena, as tuas iras
Não farão amedronta-lo,
O valor da tua corôa,
Pouco é para compra-lo.

Sobre mim a forte mão
Estendeu sem vacillar,
O fogo que em mim ardia,
Nem um ai lhe fez soltar. — (2)

Minha mãe tão celebrada,
Fez muralhas levantar,
Henrique oitavo fez terno,
Lucrecia Borgia chorar!

E a mim, tão innocente,
Que nunca foi criminoso,
Foi sentar-me ao pé do crime,
Só p'ra ser mais sonoro. — (1)

A cabeça de Marino,
Por estes foi condemnada,
E sua alma lá no ceo,
Por lei igual foi julgada.

É singela, mas tão grave
Esta lei que nos contem!...
« Ama a Deus que te creou,
Não faças mal a ninguém. » — (1).

CONCERTO.


Nas solidões do deserto,
Orgulhosas nos erguemos,
Nem dos seculos as iras,
Em nossas bases tememos.

Homem grande e poderoso,
O maior que Deos creou,
Para incita-los á gloria,
Aos seus bravos nos mostrou.

*

Ao retrato do meu amigo R. Brown, que ficou incompleto, em
consequencia da sentida morte de seu author

A. Rocquemont:

 TUA bella effigie apenas ía,
Vivos toques da arte recebendo;
Da tua nobre face ía appar'cendo,
A distincta expressão que n'ella havia:

Apenas esboçado, e já se via
Quão sublime o trabalho iria sendo!
O proprio Mestre, a dextra suspendendo,
Parece que no quadro se revia!

Mas apenas na téla te esboçára,
Eis que o golpe fatal e temeroso,
Cortou aquella vida a todos cara!

Ficou em meio o quadro primoroso!
Que só um Raphael continuára,
Os traços do pincel maravilhoso:

UM SONHO.

A. VIUVA ALLEN.



PEITO afflicto, a mente impressionada

Do naufragio fatal e lastimoso;

Tive um sonho, a principio tão funesto;

Quanto era ao depois delicioso!

Sonhei vêr um baixel desalvorado;

Contra a rija celeuma a debater-se;

Erguia até ao ceo, os mastos róticos;

Que vinham logo no abysmo su'verter-se!

Ouvia bem distinctos e pungentes,
Os gemidos dos tristes naufragados!
Bradando por soccorro á humanidade,
Tendo os olhos no Ceo sempre pregados!

No Ceo! porque só d'elle haver podiam,
O soccorro que a terra lhes negava!
Nem o braço do pae, do irmão, do amigo,
Estendido p'ra elles lá chegava!

Vi comtudo um intrepido mancebo,
De nobre aspecto, ao perigo arremessar-se!
Ninguem ousou segui-lo! quem ousára
Áquella morte certa aventurar-se?!

Ouvi o negro bôjó do baixel,
Estalar contra a dura penedia!
Ouvi o rouco som do mar irado,
Confundir-se n'um grito d'agonia!

Era a voz de sessenta desgraçados,
Unida n'um só ai, n'um ai intenso!
Alfim calou-se tudo!... e só se ouvia
O bramido do mar, sinistro, immenso!...

Os soluços, e as queixas suffocadas,
Dos que a scena cruel presenciaram,
Até alli pela angustia reprimidos,
Em torrentes de pranto se soltaram!



Então vi levantarem-se das agoas
Uns raios luminosos!
E radiantes de luz, alli surgirem,
Dois Anjos mui formosos!

As doiradas madeixas fluctuavam,
Pelo vento agitadas;
E as mãos d'alabastro, ainda tinham,
Nas agoas mergulhadas.

Mostravam grande empenho os lindos Anjos,
D'um péso alli erguer!
Eram fracas donzellas, que a tormenta,
Tambem fez perecer.

Tão santa obrigação, tão justo esforço,
Não podia cançar!
Voavam para DEOS, e a DEOS queriam
Seu Pae tambem levar.

Levantaram, enfim, um bello homem,
De soberba estatura!
E o rosto desbotado, e as loiras barbas,
Beijavam com ternura!

« Acorda, querido Pae, que nós te vamos
« A Deos apresentar.
« A angustia que por nós aqui soffreste,
« No Ceo te deu lugar.

« Os nossos deveis braços serão fortes,
« Para lá te levar.

« Que do Ceo as Angelicas Cohortes,
« Vem por nós esperar.

« Acorda, querido Pae, que por ti vamos
« A DEOS orar! »



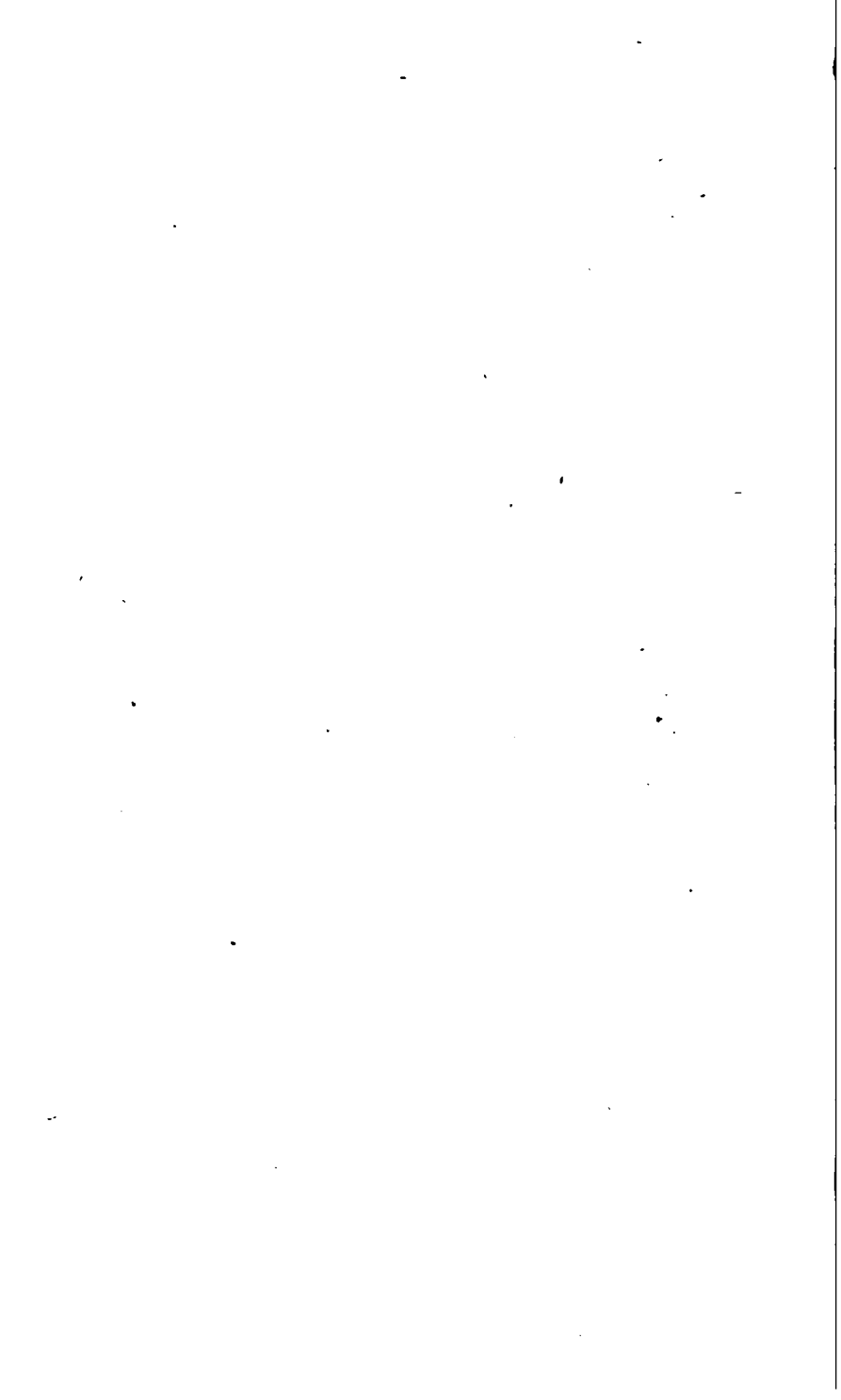
Com o querido Pae nos braços,
À mansão de DEOS voaram;
Todos tres, de mãos erguidas,
Ante o Throno se prostraram.
E os dois formosos Anjos,
Esta prece alli resaram:

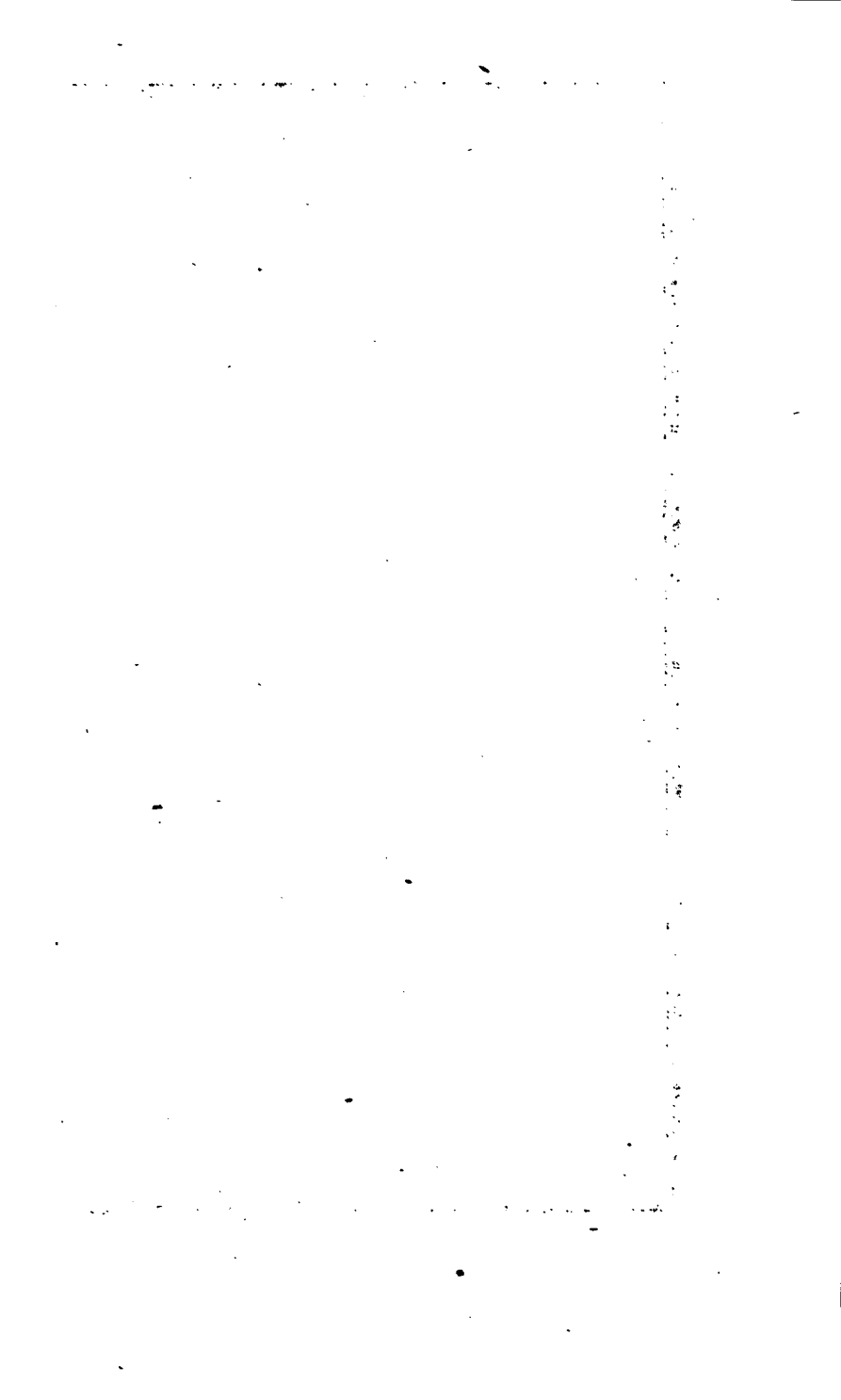
« Os que conosco morreram,
« Todos eram peccadores;
« Mas soffreram tantas dôres,
« Tanto mal, tanta afflicção,
« Que a seus passados erros,
« Vós dareis, SENHOR, perdão!»

O SENHOR quiz escutar,
Os Anjos predestinados;
E todos os afogados,
Por Cherubins conduzidos,
Foram na GLORIA occupar,
O lugar dos Escolhidos.

FIM.









247388





YC151922

